



**Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Relações Internacionais**

**CRISE ECONÔMICA, COOPERAÇÃO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA
REFLEXÃO COMPARATIVA DAS POLÍTICAS NORTE-AMERICANA, BRASILEIRA
E DA UNIÃO EUROPÉIA**

JONATHAN MARKUS FUCHS

**Brasília
2010**

Fuchs, Jonathan Markus
Crise econômica, cooperação e relações internacionais: uma reflexão
comparativa das políticas norte americana, brasileira e da união européia. /
Jonathan Markus Fuchs -- Brasília, 2010
lv, 55 f.

Orientador(a): Professor Doutor Marcelo Valle
Monografia (graduação) – Centro Universitário de Brasília, Relações
Internacionais, Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, 2010.

1. Relações Internacionais, 2. Globalização,
3. Crise econômica, 4. G-20.

JONATHAN MARKUS FUCHS

**CRISE ECONÔMICA, COOPERAÇÃO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA
REFLEXÃO COMPARATIVA DAS POLÍTICAS NORTE AMERICANA, BRASILEIRA
E DA UNIÃO EUROPÉIA**

Projeto de Monografia apresentado como
requisito parcial para a conclusão do curso de
bacharelado em Relações Internacionais do
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador:
Professor Doutor Marcelo Valle

**Brasília
2010**

JONATHAN MARKUS FUCHS

**CRISE ECONÔMICA, COOPERAÇÃO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA
REFLEXÃO COMPARATIVA DAS POLÍTICAS NORTE AMERICANA, BRASILEIRA
E DA UNIÃO EUROPÉIA**

Projeto de Monografia apresentado como
requisito parcial para a conclusão do curso de
bacharelado em Relações Internacionais do
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador:
Professor Doutor Marcelo Valle

APROVADO EM: 08/06/2010

BANCA EXAMINADORA:

Professor Marcelo Gonçalves Vale
Centro Universitário de Brasília – Uniceub

Professor Carlito Zanetti
Centro Universitário de Brasília – Uniceub

Professora Fatima Aparecida Faro Marques
Centro Universitário de Brasília – Uniceub

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer principalmente a Deus que tem acompanhado os meus passos até o presente momento.

Também quero agradecer a paciência e a dedicação do meu orientador que me encorajou de concluir esse trabalho acadêmico.

Um agradecimento especial merecem Isaac e Shirley Souza que me ajudaram na revisão da linguagem e ortográfica em grandes partes desse trabalho.

Agradeço os meus pais, meus irmãos e irmãs pela paciência, pelo amor e pela compreensão que eles tiveram comigo durante esse longo período de faculdade.

Quero agradecer meus amigos por terem me encorajados a não desistir do curso quando o fim já estava tão perto e por terem tornado essa etapa da minha vida tão especial.

Lista de abreviaturas e siglas

EUA-	Estados Unidos
FED-	Federal Reserve
FMI-	Fundo Monetário Internacional
FSB-	Financial Stability Board
IBGE-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NAFTA-	Tratado Norte-Americano de Livre Comércio
PAC-	Programa de Aceleração do Crescimento
PIB-	Produto interno bruto

Resumo

O presente trabalho aborda as principais ações dos governos dos Estados Unidos, da Europa e do Brasil para tentar minimizar os efeitos da crise econômica de 2008. Especificamente, os governos da Europa e dos Estados Unidos optaram por auxiliar o setor econômico por meio de pacotes bilionários de incentivos. As principais medidas foram investimentos na infra-estrutura, ajudas e estatização temporária de bancos estrategicamente relevantes, estímulos ao consumo interno, especialmente para o setor automotivo. Para combater a crise global, as reuniões do G20 ganharam um novo destaque. Nessas reuniões, os países em desenvolvimento, como o Brasil, obtiveram uma importância maior, já que a crise afetou principalmente os países desenvolvidos. Nessas reuniões, foram discutidos os próximos passos, medidas conjuntas e reformas no sistema financeiro internacional.

Palavras-chave: Globalização, Crise econômica, Intervenção governamental, G-20.

Abstract

This paper addresses the key actions of the governments of the United States, Europe and Brazil to try to minimize the effects of the economic crisis of 2008. Specifically the governments of Europe and the United States chose to help the economic sector through billionaire financial packages. The main measures taken were investments in infrastructure, temporary nationalization of banks which were strategically relevant, and stimulus for domestic consumption, especially for the automotive sector. In order to fight the global crisis, the meetings of the G20 gained new prominence. During these meetings, developing countries like Brazil gained major importance, since the crisis mainly affected developed countries. These meetings included discussions about the next steps, joint measures and reforms in the international financial system.

Key-words: Globalization, Economic crisis, Governmental intervention, G-20.

Conteúdo

Introdução	4
Capítulo I Globalização e crises financeiras.....	8
O mercado global e a globalização	8
Crises anteriores.....	13
A era Bush: desregulamentação e cortes de impostos	18
A crise de 2008	21
Políticas keynesianas para combater a crise.....	23
Cooperação Internacional para solucionar problemas de escala global	24
Capítulo II As ações dos governos contra a crise.....	27
As ações contra a crise financeira do governo dos Estados Unidos.....	27
As ações contra a crise financeira dos governos da Europa.....	31
Novas regras para o sistema financeiro europeu.....	35
Resultados na Europa.....	37
A atuação do governo brasileiro	38
As perspectivas do Brasil.....	39
Dívidas	41
Capítulo III Ações conjuntas	44
Rodada de Doha.....	48
Protecionismo	48
O dólar como moeda internacional	49
Considerações e Conclusões.....	52
Referência Bibliográfica.....	56
Anexo 1- Políticas macroeconômicas	64
Anexo 2- Dados Estatísticos	66

Introdução

O presente trabalho visa abordar a crise econômica mundial de 2008 e suas conseqüências nas economias dos Estados Unidos, do Brasil e da União Européia - focalizando especialmente as políticas econômicas desses países, bem como as estratégias e ações utilizadas para afastar e superar a mencionada crise.

A referida crise ganhou visibilidade com a falência do Banco de investimentos *Lehman Brothers*, nos Estados Unidos, em setembro de 2008. As bolsas internacionais reagiram negativamente e, rapidamente a economia internacional entrou em recessão. Além dos bancos, muitos outros setores também ficaram afetados pelo pânico em *Wall Street*. Assim, a crise levou a uma contínua diminuição de confiança no sistema financeiro internacional. Dessa forma, especialmente os setores automobilísticos e empresas consolidadas - como a *GM* ou a *Chrysler* - enfrentaram dificuldades no financiamento e na concessão de créditos, bem como passaram a conviver com uma contínua perda de demanda de seus produtos. Como conseqüência de tudo isso, até o fim do primeiro semestre de 2009, as duas montadoras já tinham declarado insolvência.¹

Com o agravamento dessa crise, o governo dos Estados Unidos sentiu-se obrigado a investir bilhões de dólares nos bancos e nas empresas pilares da economia norte americana. Com *bail-outs* (ajudas financeiras bilionárias) históricos, o governo de Barack Obama tentou controlar os efeitos da crise.² Contudo, a estratégia do novo presidente em investir bilhões de dólares na economia dos Estados Unidos não foi recebida com o mesmo entusiasmo por todas as partes ou recantos do país. Críticos, especialmente do partido de oposição ao atual governo democrata, expressaram que seria equivocado tomar um caminho onde as gerações futuras precisariam assumir as dívidas contraídas pelos cidadãos atuais, por causa de estratégias econômicas mal elaboradas.

¹ A GM pediu confiança aos seus clientes e afirmou que sairia da crise mais forte ainda. *Correio Braziliense*. Disponível em:

<http://www.correio braziliense.com.br/html/sessao_1/2009/06/03/noticia_interna/id_sessao=1&id_noticia=115687/noticia_interna.shtml>. Acesso em: 16 jun. 2009

² CHRONIK der Finanzkrise: Vom US-Problem zum Flächenbrand. *Stern*. Disponível em:

<<http://www.stern.de/politik/deutschland/Chronik-Finanzkrise-Vom-US-Problem-Flaechenbrand/656171.html?cp=1>>. Acesso em: 09 abr. 2009

A crise financeira se expandiu não só por toda a América do Norte mas também teve impacto mundial. Na União Européia, o colapso levou à falência de vários bancos. Anteriormente, muitas instituições financeiras tinham se envolvido com os *Hedge Funds* norte americanos para conseguirem dinheiro rápido e fácil. Em todos os países da União Européia, os dirigentes foram forçados a investir pesado para tentar re-estabilizar suas economias. Dessa forma, o governo britânico teve que investir fortemente para manter em funcionamento os bancos ingleses. Porém, em meio a intenso pânico, os investidores ingleses sacaram dinheiro em massa dos bancos, como o *Nothern Rock*, mesmo com a garantia de ajuda do governo britânico a esses bancos.³

Infelizmente, a crise não atingiu apenas os países mais abastados financeiramente. Por exemplo, o Brasil, como outros países em desenvolvimento, ficou afetado pela grande oscilação da bolsa nacional, bem como pela fuga de investimentos estrangeiros. Isso também levou a uma grande flutuação do dólar americano no mercado nacional. Como muitos investidores estrangeiros enfrentaram dificuldades em seus países de origem, eles não aplicavam o dinheiro em outros países, inclusive naqueles em desenvolvimento. A demanda internacional encolheu após o começo da crise financeira. Isso teve impacto em todos os países exportadores.

No caso brasileiro, o governo tentou estimular a demanda interna, dando uma ajuda mais voltada a setores específicos. Um exemplo disso foi a redução do IPI (*Imposto Sobre Produtos Industrializados*), que teve como objetivo principal estimular a compra e venda de veículos automotores e de produtos industrializados.⁴

O encontro em Londres de 2009 resultou no aumento significativo da importância das reuniões do G20. As decisões dos vinte países mais ricos do mundo determinariam a direção da economia mundial, antes reservado para as reuniões do G7 ou G8. Dessa forma países em desenvolvimento ganharam um papel e uma voz importante nas decisões políticas globais. Os participantes também se comprometeram em realizar as reuniões com mais frequência para poder

³ CHRONIK der Finanzkrise: Vom US-Problem zum Flächenbrand. *Stern*. Disponível em: <<http://www.stern.de/politik/deutschland/:Chronik-Finanzkrise-Vom-US-Problem-Fl%E4chenbrand/656171.html?cp=1>>. Acesso em: 09 abr. 2009

⁴ LULA defende corte definitivo de IPI de veículos. *Correio Braziliense*. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/html/sessao_1/2009/06/10/noticia_interna/id_sessao=1&id_noticia=117654/noticia_interna.shtml>. Acesso em: 16 jun. 2009

antecipar políticas que podem prevenir crises futuras.⁵ O cenário de turbulências nos países desenvolvidos beneficiou os países emergentes como Brasil, Índia e África do Sul. Esses países ganharam mais importância e mais respeito na comunidade internacional.

O objetivo principal desse trabalho é investigar as principais medidas tomadas pelos governos dos Estados Unidos, União Européia e Brasil para tentar minimizar os efeitos do colapso do sistema financeiro internacional e as tentativas para restabelecer a confiança e previsibilidades para os mercados locais, além das medidas para a reversão do quadro para um crescimento econômico.

Para desenvolver esse objetivo o trabalho divide-se em três partes. Primeiramente será apresentado um fundamento teórico mostrando como a globalização evoluiu, principalmente pela disseminação de novas tecnologias como a internet. Antes da guerra fria não poderia se pensar em um mercado global, sem fronteiras, mas com a queda do muro de Berlim esse quadro se reverteu. Durante a guerra fria os países mantiveram suas barreiras econômicas, mas com o passar do tempo, essas barreiras se deterioraram. Hoje, cadeias de produção não se limitam a fronteiras nacionais mais estão disseminadas por todo o mundo. A queda do muro de Berlim, o desenvolvimento de micro-tecnologia e a ampliação das vias de fibra ótica que Friedman (2005) chama de forças niveladoras, tornaram o nosso mundo plano e interligado.

Essas forças niveladoras impulsionaram o crescimento do rebanho eletrônico, que podem ser indivíduos ou associações de investidores, além de empresas multinacionais que tiram vantagem do mundo interconectado para elevar os seus ganhos. O rebanho eletrônico, segundo Friedman (2001), tem a habilidade de se deslocar com velocidades surpreendentes de um local para o outro trazendo investimentos para quaisquer setores em qualquer país. Mas esse rebanho também tem uma força e influência sobre as autoridades estatais capaz de direcionar as decisões políticas e econômicas de um país inteiro. O humor do rebanho é frágil, e a saída imediata de bilhões de dólares de investimentos pode prejudicar a economia do país antes beneficiado pela entrada dos investidores.

⁵ G20 estabelece bases para nova ordem econômica mundial, *GI*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1319199-5602,00-G+ESTABELECE+BASES+PARA+NOVA+ORDEM+ECONOMICA+MUNDIAL.html>>. Acesso em: 30 set. 2009

Para Krugman (2009), o livre mercado e a democracia hoje já são considerados como direitos fundamentais para qualquer indivíduo. Porém, a globalização financeira também tornou-se mais perigosa do que imaginado. A crise de 2008 destruiu milhares de empregos no mundo inteiro e levou a falência de muitas empresas. Krugman (2009) acredita que a crise poderia ter sido evitada, já que houve crises similares precedentes. As crises da América Latina e asiática mostraram o perigo e as limitações do mercado livre. Em ambas as crises, a recuperação econômica foi iniciada com investimentos pesados, originados pelos Estados Unidos no caso do México, ou através de empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI), no caso da Argentina e nos países asiáticos.

Para Carvalho (2009)⁶, as idéias de Keynes relativas à intervenção do estado na economia, que estavam em decadência nos últimos 30 anos, hoje em tempos da crise estão mais atuais do que nunca. Mazzucchelli (2008) aponta que na crise atual, os estados estavam dispostos a investir bilhões para restabelecer a ordem econômica, ao contrário da última grande crise mundial, a crise de 1929, que foi seguida pela grande depressão na década de 30.

A segunda parte do trabalho investiga as principais medidas tomadas pelos governos dos Estados Unidos, da União Européia e do Brasil para reverter o quadro econômico e restabelecer a confiança nos mercados após a eclosão da crise de 2008. Nota-se que as medidas não divergiram muito, entre as principais estavam pacotes de ajudas para estimular o crescimento econômico, através do aumento do papel do estado nas construções públicas, ou a estatização de instituições financeiras. Os estados também atuaram na economia monetária e fiscal através da diminuição da taxa de juros e do corte de impostos para incentivar o consumo interno.

A terceira parte do trabalho está voltada para as ações conjuntas e as reuniões do G-20. As novas oportunidades, especialmente para o Brasil, de participar ativamente da reestruturação do sistema financeiro internacional e o contínuo aumento de importância dos países em desenvolvimento são relatadas nessa parte do trabalho. Os países do G-20 concordaram em tomar medidas para modernizar o sistema financeiro e estabelecer novas regras, mais transparentes, para o comércio internacional. Assim eles pretendem tornar a globalização financeira mais segura e melhorar a cooperação entre os diversos países.

⁶ CARVALHO, Fernando Cardim de. O retorno de Keynes. Novos estud. - CEBRAP [online]. 2009, n.83, pp. 91-101. ISSN 0101-3300.

Capítulo I

Globalização e crises financeiras

O mercado global e a globalização

Hoje, o mundo está cada vez mais globalizado, ou como Thomas Friedman (2005) diria, cada vez mais plano. O mundo está cada vez mais interligado e interconectado, novas tecnologias de informação e meios de transporte mais rápidos e eficientes diminuem as distâncias geográficas. Isso, com certeza, traz várias vantagens: aumento de concorrência, que leva a uma queda dos preços para os consumidores; acesso a notícias e informações em tempo real; compartilhamento de tecnologia, medicamentos etc.

O intercâmbio internacional intensificou-se, principalmente, graças a construção das redes de fibra ótica que permitem a comunicação em tempo real e em qualidade nunca antes experimentada. O barateamento dos computadores pessoais contribuiu também para o fato que hoje podemos ver o mundo como uma única rede global.

Thomas Friedman (2005) aponta várias ocorrências que levaram até esse mundo plano. A essas ocorrências ou marcos na história ele denomina de *forças niveladoras*. A primeira força niveladora foi a queda do muro de Berlim, em 1989. Com a queda do muro divisor entre as duas Alemanhas, tornou-se possível ver o mundo como um único grande mercado. Antes, a divisão entre capitalismo e socialismo também fazia com que não se pudesse ter uma visão global do futuro. O rompimento, também psicológico, da barreira divisória resultou no fato que hoje podemos ver como um único grande mercado.

As outras forças niveladoras eram mais voltadas para a área tecnológica, com o desenvolvimento da micro-tecnologia que levou à produção do computador pessoal e à fabricação da fibra ótica que permitiu o desenvolvimento do processo de comunicação em tempo real entre as mais distantes partes do planeta. Essas novas tecnologias deram a oportunidade de implementar, de forma global, a cadeia de produção. Muitos problemas relacionados à telefonia e ao desenvolvimento de *softwares* não precisam necessariamente ser resolvidos dentro das fronteiras nacionais. Hoje é possível que atendimentos aos clientes estadunidenses sejam realizados em cidades da Índia; e médicos indianos avaliam resultados de exames de saúde de

clientes americanos enquanto eles dormem. Devido ao fuso-horário, é possível ter o resultado de exames já na manhã seguinte.

A globalização da cadeia de produção faz com que o produto final fique às vezes, mais barato, ao mesmo tempo pode representar um aumento da qualidade do produto final.

Krugman (2003), assim como Friedman (2005), alega que a globalização pode trazer muitas vantagens, especialmente para países em desenvolvimento. Ele também não acredita que os trabalhadores dos países sejam explorados, mesmo com salários mais baixos para o mesmo trabalho. Em outras palavras, os salários podem ser mais baixos se comparados mundialmente, mas se relacionados ao nível nacional, eles representam um aumento na renda do trabalhador em relação ao trabalho que ele desempenhava anteriormente.

Nesse sentido, Thomas Friedman (2005) dá o exemplo dos empregados dos *call-centers* na Índia. Em uma comparação direta com a concorrência mais cara dos Estados Unidos, os indianos realmente ganham menos e também recebem menos benefícios sociais. Por outro lado, esse salário é alto se comparado com outros assalariados indianos. O salário proveniente de uma empresa multinacional seria suficiente para o trabalhador indiano comprar um carro e um apartamento na cidade. Com o trabalho que ele realizava antes ele não tinha essa possibilidade.

Em “O lexus e a oliveira” (Friedman, 2001) o autor ressalta as mudanças econômicas trazidas pela globalização. Ele aponta que o *rebanho eletrônico* passou a ganhar uma importância significativa após o final da guerra fria. Esse rebanho eletrônico se popularizou com o barateamento e a popularização das tecnologias de comunicação. As movimentações financeiras feitas por indivíduos ou originadas por grandes empresas multinacionais se tornaram cada vez mais rápidas.

A constante eliminação dos controles e a democratização da tecnologia de informações levaram a um aumento significativo do rebanho eletrônico. Cada dia acha-se uma nova forma de investimentos e apostas, como relata Friedman (2001). Assim pode-se apostar em moedas estrangeiras ou em títulos de filmes em Hollywood. A maioria dessas apostas está direcionada para ganhos a curto prazo, e assim os investidores tendem a gerar riqueza, saem e reinvestem seu capital com uma velocidade surpreendente.

Há uma disputa entre os governos, especialmente entre os países em desenvolvimento, para atrair essas formas de investimentos diretos, mas elas também podem representar grandes riscos. O volume de investimentos pelo rebanho eletrônico pode ser imenso, capaz de trazer vários benefícios para um país, mas por outro lado, o comportamento de manada também traz grandes problemas, caso os investidores resolvem sair abruptamente do mercado local.

Dessa forma o poder exercido pelos investidores, grandes ou pequenos, é grande o suficiente para derrubar governos e levar regiões inteiras a desestabilidades econômicas. O rebanho é capaz de direcionar políticas, já que a saída em massa, por causa de uma simples mudança de rumor, pode derrubar o setor financeiro do país. Os efeitos seriam sentidos em outras áreas econômicas rapidamente e a falência de empresas levaria a um aumento de desemprego. Com essa situação precária a população poderia, na pior das hipóteses, se revoltar contra a liderança do país.

Durante a guerra fria, os países mantiveram as suas barreiras para proteger a sua economia local. Após a queda do muro de Berlim, com a integração e abertura dos mercados, os países começaram a derrubar as suas barreiras.

Com a crise corrente questionou-se, se a globalização econômica realmente foi bem sucedida. Para James⁷, a crise de 2008 levou muitos países a reverter ações que favoreciam a globalização econômica. Assim a Rússia teria aumentado seus impostos sobre as importações de automóveis e a Índia também teria feito o mesmo com as importações relacionadas a produtos envolvendo ferro e aço.

O autor alega também que esses tumultos financeiros podem causar revoltas na população. Muitos não se conformariam em que os estados ajudassem apenas as grandes empresas. As crises podem radicalizar preconceitos e racismo e levar ao nacionalismo, o que aconteceu na crise de 29.

O fenômeno de crises econômicas não é novo, de fato já ocorreu em várias regiões do mundo, como na América Latina ou na Ásia. Mas acreditava-se que essas crises seriam fenômenos de países pouco desenvolvidos.

⁷ JAMES, Harold. Das nächste Ende der Globalisierung, *Zeit Online*. Disponível em: <<http://www.zeit.de/2009/06/Ende-der-Globalisierung>>. Acesso em: 16 nov. 2009

Krugman (2008) denuncia a falta de interesse dos economistas em estudar as crises e seus efeitos. Durante a década de 60, muitos até acreditavam que os ciclos econômicos eram fenômenos do passado. Ele argumenta que economistas, como Robert Lucas, acreditavam que os ciclos econômicos já não teriam mais tanta importância. Ben Bernanke (mais tarde ele atuou no conselho do Federal Reserve (FED) argumentou algo parecido, que as políticas macroeconômicas tinham resolvido o problema dos ciclos econômicos e a importância deles.

Os ciclos econômicos são um fenômeno descrito por Schumpeter (1993). Para ele, a economia se movimenta em ciclos ou em formas de onda. Assim, ele faz uma análise sobre a vida econômica a partir do momento em que um novo produto ganha reputação e várias novas empresas começam a invadir o mercado a fim de garantir o seu lucro com a nova mercadoria.

No início, a Economia ganharia mais força com, por exemplo, a inovação de produtos já existentes ou com o desenvolvimento de um novo. Dessa forma, as fábricas usariam a capacidade ociosa para cobrir a demanda. Mas os ganhos atraem novas empresas que entram como concorrentes no mercado.

Essa entrada maciça de novas empresas gera uma concorrência maior e isso leva a uma queda dos preços. No primeiro momento, o aquecimento da economia traz prosperidade, mas nem todas as empresas novas têm a capacidade de permanecer no mercado. Com o excesso de oferta, resultando em uma necessária queda do preço do produto, muitas empresas começam a falir. Como esse fenômeno acontece em massa, os efeitos são sentidos em grande parte da economia e assim ela entra em recessão.

Schumpeter (1993) explica que essas recessões acontecem quando a economia está desequilibrada. O elevado número de novas empresas não pode prevalecer sem provocar distúrbios. A maior oferta do mesmo produto leva a uma insustentabilidade, onde a produção do produto não é recompensada pela venda por um preço inferior. Essas novas empresas falem e a economia tende a voltar a se equilibrar novamente.

O grande problema que Schumpeter (1993) aponta são os pânicos que podem acontecer durante esse processo. Mas a intensidade do pânico não precisa, necessariamente, ter uma relação ao tamanho da crise. Grandes pânicos podem acontecer com crises pequenas. E mesmo em crises grandes, o pânico dos investidores pode ser menor.

Muitas vezes, devido ao risco alto durante essas crises, os credores não dão crédito para as empresas com medo de perder o empréstimo concedido. Isso leva a juros mais altos nos tempos de aperto, o que dificultaria a vida econômica.

O economista também ressalta que o número de pessoas desempregadas aumenta durante o período de crise. Uma das causas para essa diminuição de oferta de emprego seria que essas crises, muitas vezes, servem como oportunidade de modernização e mecanização das empresas. Nesse caso, o maquinário substitui a presença humana. De qualquer forma, Schumpeter (1993) relata que após esses momentos de depressão, a economia sempre volta a crescer novamente.

Freeman (1984)⁸ acrescenta que Kuznets já havia estudado o “padrão de ciclos subjacentes” em 1930. Esses ciclos teriam um padrão comum: “um início hesitante, um crescimento rápido e a subsequente saturação, seguidos por um declínio ou estagnação”.

Na história econômica recente, podemos observar vários desses ciclos, como a bolha ponto-com e mais recente o setor imobiliário dos Estados Unidos. Há semelhança entre essas duas bolhas, que no início cresceram rapidamente e, após a desilusão, tiveram declínio na demanda das ações.

Em outro livro, Schumpeter (2005)⁹ argumenta que o capitalismo encontra-se em constante evolução. Ele não é estático e se modifica constantemente, na maioria das vezes, através de grandes eventos como guerras e revoluções.

Com a crise econômica, vários líderes mundiais exigiram uma mudança na forma da administração da economia americana e na forma como ela influencia as outras economias. A chanceler alemã, Angela Merkel, e o presidente francês, Nicolas Sarkozy, exigiram no G-20 (em Londres, 2009) uma maior regulamentação e mais controle sobre as instituições financeiras.

O capitalismo precisa de uma contínua adaptação às novas realidades. Segundo Schumpeter (2005), ele constantemente destrói a sua estrutura, para substituí-la por uma nova. Esse processo Schumpeter chama de “destruição criativa” do capitalismo.

De certa forma, as instituições internacionais que regulamentam e apoiam o sistema financeiro são resultantes das medidas adotadas em Bretton Woods após o final da Segunda

⁸ FREEMAN, Christopher. *Inovação e ciclos longos de desenvolvimento econômico*. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/336/565>>. Acesso em: 19 nov. 2009.

⁹ SCHUMPETER, Joseph A. *Kapitalismus, Sozialismus und Demokratie*. 8 Edição, Tübingen 2005, *UTB*.

Guerra Mundial. Desde então o sistema financeiro sofreu várias mudanças, decorrentes das inovações tecnológicas e das novas formas de investimentos. Uma atualização e adaptação às novas realidades serão fundamentais para o restabelecimento da ordem financeira.

Crises anteriores

O livre mercado e a democracia já são quase vistos como direitos fundamentais para os países. Com a globalização econômica nas últimas décadas, muitas barreiras comerciais caíram a fim de melhorar a concorrência entre produtos e empresas e dessa forma trazer benefícios para os consumidores. Mas, muitos países também sentiram o efeito negativo que um mercado aberto pode ter sobre o país inteiro. Os exemplos a seguir mostram que crises econômicas já aconteceram em diversos lugares do mundo. Mesmo que nenhuma delas teve a dimensão global da crise de 2008, todas elas poderiam ter servido como alerta, mas foram ignoradas. Podemos extrair de cada crise do passado algumas características que se atribuem a crise atual.

Em seu livro “A Crise de 2008 e a Economia da Depressão” de 2009, Paul Krugman¹⁰ relata vários casos de crises econômicas que poderiam ter servido de alertas para prevenir a convulsão financeira de 2008, mas foram ignoradas pelos países líderes da economia mundial. Uma das crises precedentes foi a crise na América Latina, especificamente no México, e a outra, foi a crise na Ásia.

Na década de 90, as perspectivas do México eram bastante positivas. O país fazia parte do NAFTA (tratado norte americano de livre comércio) e atraía assim muitos investidores estrangeiros. Mas no caso da crise Mexicana (também chamada de *crise tequila*), erros do governo levaram ao pânico geral e a um caos que afetou toda América Latina.

Mesmo com um mercado aberto e uma postura econômica liberal, o México tinha taxas de crescimento pequenas. Assim, o governo decidiu desvalorizar o peso para tornar os produtos mexicanos mais competitivos no mercado internacional. Porém, na hora da desvalorização forçada, o governo cometeu vários equívocos e não transmitiu sinais de que tinha a transição sob controle.

¹⁰ KRUGMAN, Paul. *A Crise de 2008 e a Economia da Depressão*. 1ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Elsevier, 2009.

Outro problema representava a dívida em dólares americanos, com uma desvalorização da moeda nacional, o valor da dívida despencou. O resultado foi pânico geral e a saída imediata de investidores estrangeiros de toda a América Latina, não apenas do México. Os analistas na *Wall-Street* não queriam mais aplicar seu dinheiro na América Latina com medo de perder seus investimentos. Esse comportamento também afetou fortemente a vida econômica da Argentina, não só a do México.

Para poder amenizar os danos no México, e em outros países, como Argentina, essas nações necessitavam de empréstimos em dólares para poder recompensar a saída dos investimentos. Assim, para impedir que a crise se expandisse mais, os Estados Unidos injetaram dinheiro no México e a Argentina recebeu ajuda financeira do FMI (Fundo Monetário Internacional).

Com as ajudas bilionárias os investidores acalmaram-se e o México e a Argentina começaram a se recuperar rapidamente. A *crise tequila* gerou pouca reputação internacional, pois acreditou-se que ela seria um fenômeno Latino-Americano. Ignorou-se o poder que um pânico generalizado pode ter sobre qualquer economia do mundo.

A confiança e a estabilidade do mercado têm um papel fundamental na economia. A falta de confiança pode levar a pânicos similares ao do México durante a *crise tequila*. Investidores estrangeiros retiram seu dinheiro abruptamente do mercado, causando assim turbulências e um declínio maior das bolsas de valores do país.

Na crise atual esses pânicos eram globais. Quando o FED (Federal Reserve) optou por não ajudar o banco de investimentos *Lehman Brothers*, outros institutos também pararam de emprestar dinheiro, com medo de perder o que foi emprestado. Assim o sistema financeiro norte americano entrou rapidamente em choque.¹¹

No contexto da crise, no fim de 2008, mesmo com investimentos bilionários promovidos por diversos governos ao redor do mundo, notou-se que os mercados não tinham confiança de que os governantes estavam com a situação econômica sob controle, o que levou a um pânico generalizado. Vimos acima que o comportamento de pânico dos investidores pode quebrar uma

¹¹ KRÖGER, Micheal. *Spiegel Online*. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/wirtschaft/soziales/0,1518,647760,00.html>>. Acesso em: 17 nov. 2009

economia inteira. A confiança que existe em uma entidade superior, que tem a situação sob controle, é fundamental nesses tempos de turbulência.

Quando um país entra em uma crise econômica, há o desencadeamento de um círculo vicioso, segundo Krugman (2008). Existe perda de confiança na economia que leva à desvalorização cambial, ao aumento da taxa de juros e à queda da atividade econômica, que por sua vez, levam a problemas financeiros para os bancos, para as empresas e para as famílias; esses problemas financeiros, por sua vez, conduzem à perda de confiança no mercado e assim por diante. É uma contínua espiral para baixo que os países precisam tentar controlar para poder pará-la.

Krugman (2009) também analisa a crise asiática, em particular do Japão. O pequeno país nipônico se tornou a segunda potência econômica nas décadas de 1980, e muitos economistas acreditavam na época que o Japão havia desenvolvido um capitalismo superior. O governo tinha uma relação mais íntima com as empresas e assim os bancos emprestaram muito dinheiro, sem se preocupar se elas teriam condições de retribuir o empréstimo. Os bancos acreditavam que o governo assegurava os empréstimos, isso representou a raiz do problema do Japão.

A década de 80 foi marcada pela prosperidade econômica, mas nada justificava o aumento excessivo do preço das terras e das ações. Bancos e empresas começaram a efetuar cada vez mais transações com elevados riscos, para aumentar dessa forma os seus ganhos.

Na década de 30 o país nipônico havia implementado agências reguladoras que observavam o comportamento dos bancos e avaliavam os riscos. Mas, na década de 80, houve uma desregulamentação por parte dos governos em vários países asiáticos, para que houvesse mais liberdade e maior competição. Os bancos podiam aplicar seu dinheiro onde achassem melhor. E como geralmente os negócios de maior rendimento são também os de maiores riscos, formou-se uma verdadeira “bolha” econômica.

O caso do Japão talvez seja o mais parecido com a crise atual, que teve sua origem nos Estados Unidos. Depois do estouro da “bolha” habitacional americana, economistas e políticos apontaram erros na política econômica estadunidense. Detectou-se que desde o governo de Bill Clinton já havia uma desregulamentação do mercado e da concessão de crédito que visava tornar a compra de imóveis e concessões de créditos em uma transação mais fácil.

Após tentativas do Banco Central Japonês de controlar a situação e aumentar a taxa de juros (e assim desaquecer a economia), o país começou a entrar em recessão em 97. Assim, o país asiático tentou amenizar os efeitos, especialmente com investimentos na infra-estrutura, para recuperar a economia. Mas as tentativas do governo só resultaram no aumento das dívidas da nação. Para controlar esses gastos extras, o governo optou por um aumento dos impostos que por sua vez, só agravou a recessão. Uma diminuição da taxa de juros e mais investimentos governamentais não conseguiram aliviar a economia.

O grande desafio do país era estimular o consumo, uma grande preocupação também dos governos durante a crise de 2008. Com uma taxa de juros a quase zero, o governo japonês não teve tantas oportunidades de intervir mais nessa área financeira na época. Assim o Japão só começou a se recuperar através do setor exportador que mais tarde entrou em novos mercados asiáticos, especialmente da grande concorrente chinesa.

Outras crises, como as crises da Ásia e algumas da América Latina se deram devido à paridade da moeda nacional com o dólar americano. Muitos países asiáticos viviam um *boom* econômico com a entrada de investidores estrangeiros e taxas de crescimentos altos até 1997. Mas o quadro se reverteu quando a moeda tailandesa despencou e perdeu a sua paridade com o dólar americano. Rapidamente a crise de confiança nos países em desenvolvimento asiáticos se expandiu por Hong-Kong, pela Malásia, pela Coreia, pelas Filipinas e pela Indonésia.¹²

Esse regime de câmbio fixo representa um alvo atraente para especuladores que apostaram na desvalorização da moeda. Assim os governos eram obrigados a deixar o câmbio fluir, muitas vezes os resultados eram devastadores para a economia local.

Após a eclosão da crise de 2008, muitos economistas tinham medo que outro capítulo da história se repetisse, uma outra crise que também tornou-se global: a crise de 1929 e a Grande Depressão. Segundo JUNG¹³, a euforia pré crise de 29 era grande, especialmente a revolução e inovação dos produtos como carros, aviões, rádios e telefones fizeram as pessoas acreditar que nos tempos modernos tudo era possível. Assim após a primeira guerra mundial, mais e mais pessoas acreditavam que ganhariam com especulações nas bolsas de valores e assim tornar-se-

¹² CARVALHO, William Almeida de. *A crise financeira mundial: uma perspectiva dos emergentes para os cidadãos do mundo globalizado*, Brasília, Associação Brasileira de Orçamento Público, 2009

¹³ JUNG, Alexander. *Große Depression- Das Fanal von 1929*, Disponível em: <http://einestages.spiegel.de/static/topicalbumbackground/4633/1/das_fanal_von_1929.html> Acesso em: 18 de Maio de 2010

iam da noite para o dia milionários. Para desafiar a sorte nas bolsas, muitos foram aos bancos e tomaram empréstimos para aplicar no mercado. Mas com o estouro da bolha em Wall-Street em outubro de 1929, muitos perderam tudo e iniciou-se um longo processo de recessão, a Grande Depressão da década de 30.

A crise de 08 tinha alguns paralelos com a crise 29, assim como décadas atrás, muitos americanos compraram bens com dinheiro que eles não tinham. Na crise atual, no setor imobiliário as apostas eram sobre uma constante valorização das casas e assim muitas famílias sentiram-se atraídas em tomar empréstimos para realizar o sonho da casa própria. Assim as duas gerações cometeram o mesmo erro, como JUNG ressalta, eles compraram os bens com dinheiro que eles não tinham, e não tinham condições para devolver-lo no aperto.

Como em 1929, em 2008 a crise levou a grande desconfiança e aperto de crédito. A reconstrução da Alemanha pós primeira guerra mundial era financiada com empréstimos norte americanos, mas após o pânico na bolsa de valores nos Estados Unidos, esse fluxo de dinheiro parou abruptamente. O governo alemão resolveu implementar medias para economizar rigidamente nos gastos públicos para prevenir uma inflação, o que prejudicou fortemente a economia germânica e levou a depressão no país. Com a saída dos investimentos americanos, os bancos na Alemanha encontraram grandes problemas em financiar seus projetos. O problema do crédito levou a falência de um grande banco austríaco em 1931, o que abalou a Europa inteira. Como em 2008 com a falência de *Lehman Brothers* surgiu uma desconfiança sobre o estado de saúde das instituições financeiras. Investidores e poupadores começaram a corrida aos bancos para tentar salvar seu dinheiro, o que agravou ainda mais a situação.

Para MAZUCHELLI¹⁴ as primeiras respostas á crise de 29 tiveram resultados desastrosos com um aumento expressivo do desemprego e uma queda do PIB norte americano. Mais tarde o presidente Roosevelt implementou nos Estados Unidos medidas para aumentar os gastos públicos, um pacote de medidas, chamado *New Deal*. Como em 1932, em 2008 o governo começou a injetar dinheiro para movimentar a economia através da reforma de estradas, escolas e ferrovias.

¹⁴ MAZZUCHELLI, Frederico. *A crise em perspectiva: 1929 e 2008*. Novos estud. - CEBRAP [online]. 2008, n.82, pp. 57-66. ISSN 0101-3300

Segundo Gonçalves¹⁵ a diferença das duas crises se deu principalmente nos setores aonde as crises se iniciaram. A crise de 29 teve origem na economia real e se expandiu para o setor financeiro. Porém, a economia real já havia mostrado sinais de desaceleração e o pânico na bolsa foi uma consequência da contínua trajetória de queda da economia. Já a crise recente teve seu início no sistema financeiro e logo afetou a economia real com o aperto de crédito. Assim a crise seria provocada pelos “desequilíbrios financeiros decorrentes da desregulamentação financeira” (GONÇALVES, p. 156).

Na crise atual, os países recorrem principalmente a “terapia keynesiana” para tentar amenizar os impactos negativos e reverter a trajetória de queda no crescimento econômico. Mas segundo o economista, o caminho keynesiano seria de curto prazo, já que os governos se endividam muito com gastos mais elevados e por outro lado, a elevação dos gastos obriga as autoridades a elevar a taxa de juros para não afundar em taxas de inflações extra-ordinárias.

A era Bush: desregulamentação e cortes de impostos

Mostrou-se até agora o exemplo de outras crises que se restringiram mais a níveis locais ou regionais. Antes de entrarmos em mais detalhes sobre a crise de 2008 vemos agora qual era o contexto político econômico antes da explosão da crise.

Para o economista e ganhador do prêmio Nobel de economia, Paul Krugman (2003), a chegada de George Bush ao poder, e com isso o início de políticas econômicas escandalosas, contribuíram para a crise de 2008. No livro de 2003 (*The Great Unraveling: Losing Our Way in the New Century*), o economista critica fortemente a atuação do comitê econômico da administração de Bush.

Krugman (2003) ainda argumenta que a recessão do começo da década de 90 (antes do governo Clinton) trouxe consigo um fenômeno chamado de *Jobless recovery*. Durante esse tempo, mesmo com uma estabilização da economia e um término “oficial” dos anos da crise, o trabalhador comum continuava sofrendo os efeitos negativos dessa crise. A recuperação econômica aconteceu com pouca criação de novos empregos, mesmo que tenha havido um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Por outro lado, com a implementação de medidas

¹⁵ GONÇALVES, Reinaldo. Crise do Capital, disputa de destino e desafios para os trabalhadores. *Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Volume 6, Número 23, p.155-160, Julho de 2009

certas, o governo de Bill Clinton foi marcado pela recuperação econômica e a diminuição da dívida externa. Durante o governo de Clinton, a América do Norte viveu “oito anos de prosperidade”,¹⁶ com a criação de 32 milhões de empregos entre os anos de 1992 e 2000. A taxa de desemprego diminuiu consideravelmente e os índices de criminalidade voltaram aos níveis baixos dos anos 60. A produção industrial americana teve um *boom* durante essa época e atingiu níveis nunca alcançados. Uma das razões dessa explosão da produtividade certamente foi que nesses anos os computadores pessoais e as redes informatizadas puderam ser usados em todo o seu potencial. A bolsa Dow Jones também teve um desempenho excepcional: em 92 ela dotou 3.500 pontos; em 2000, ela tinha superado a marca dos 10.000. Com todo esse desempenho positivo, qual seria a chave de sucesso da administração de Clinton?

Ao contrário do seu sucessor, Clinton tomou algumas medidas impopulares para estabilizar a economia. Primeiramente ele elevou os impostos com a intenção de diminuir a dívida do país. Mesmo com críticas constantes por parte da oposição política, Clinton foi recompensado pelas medidas tomadas.

No final do governo Clinton a economia Norte Americana havia se recuperado e um superávit na balança de pagamentos havia se consolidado. Contudo, quando Bush tomou posse, ele demonstrou pouco respeito pelas políticas do seu antecessor e começou uma política de diminuição da carga tributária brutal e imensos benefícios para a elite econômica.

Mesmo em plena guerra (e todo conflito bélico já representa custos adicionais para um país), a administração de Bush propôs novos cortes de impostos, sem planos de repor o dinheiro aos cofres públicos. Um constante aumento da dívida externa e o quase-rompimento com alianças históricas são ações que Krugman (2003) condena nesses oito anos de posse do presidente texano.

Para o governo Bush, a solução para todos os problemas seria o livre mercado. Ou seja, onde as regras de uma economia sem intervenção governamental vigorassem, os problemas se solucionariam por si mesmos. Dessa forma, a rede energética da Califórnia foi privatizada e desregulamentada. Mas em vez de preços mais baixos e menos apagões, os californianos ficaram mais vezes no escuro. A maioria das empresas que distribuíam a energia no estado era do Texas,

¹⁶ Krugman (2003, p. 13).

o estado de origem do então presidente Bush. O órgão que deveria supervisionar as atividades das empresas também era liderado por um texano.

Durante as estações mais quentes do ano, quando todos usavam ar condicionado e ventiladores, o consumo de energia aumentava muito. As empresas conseguiam aumentar artificialmente o preço da energia, tirando, especialmente durante essa época de maior necessidade de consumo, algumas usinas elétricas de atividade. Assim, com menos oferta e uma demanda altíssima, os preços de energia se elevavam grandemente. Para Krugman (2003), essa situação serve como exemplo de que o mercado livre e desregulamentado não pode ser a resposta para tudo. Diversas manobras indevidas, que não têm nada a ver com a concorrência empresarial, podem ocorrer nesse contexto. Segundo Stiglitz¹⁷, a substituição de um monopólio público por um monopólio privado pode levar a prejuízos para a população e assim não resolver o problema do serviço precário oferecido.

As políticas conservadoras de Bush se concentravam em reverter políticas que ficaram conhecidas como *New Deal*. O *New Deal* consistia em políticas de distribuição de renda e de ajudas sociais que resultaram na criação de uma forte classe média nos Estados Unidos, especialmente na década de 50. Krugman (2007)¹⁸ expressa que as políticas de desregulamentação e cortes de impostos, especialmente para grandes empresas, fortaleceram uma pequena elite econômica, levando a desigualdades sociais maiores em relação as que já existiam. O movimento conservador¹⁹ era movido pelos grandes empresários que financiavam o partido republicano de Bush. Para muitos desses empresários, as políticas do *New Deal* eram pouco vantajosas, pois taxavam os lucros e distribuía suas rendas para a população mais necessitada.

¹⁷ PRADO, Luiz Carlos Delorme. *Resenha de A globalização e seus malefícios: a promessa não-cumprida de benefícios globais*. Rev. econ. contemp. [online]. 2007, vol.11, n.3, p. 563-569. ISSN 1415-9848.

¹⁸ KRUGMAN, Paul. *Nach Bush: Das Ende der Neokonservativen und die Stunde der Demokraten* (The conscience of a liberal) Editora Campus, Frankfurt am, Main 2007.

¹⁹ No livro de 2003, Krugman também se refere ao movimento conservador como ‘Força Revolucionária’, utilizando o termo usado por Henry Kissinger. Ela seria o movimento de extrema direita que mudaria o cenário político do país. Dessa forma, o governo não seria franco com a população e tentaria esconder os interesses reais de suas ações. Não se podia tecer críticas às medidas tomadas, pois a reação do governo era de ataques pessoais. Krugman relata que, no Governo Bush, os críticos eram considerados antipatriotas, perdendo assim o respeito e o interesse da sociedade. (O patriotismo era fundamental para o governo durante as guerras). Também, algumas regras políticas não valeriam mais. Assim, vários membros do governo acusados de corrupção continuaram a exercer seu cargo político sem medo de serem caçados.

Krugman (2007) denuncia que esse movimento, que beneficiava somente uma elite ou uma pequena parte da sociedade, seria fundamentalmente antidemocrático. Assim, os benefícios para a maioria dos cidadãos foram sacrificados para aumentar as rendas de pessoas que já possuíam muito dinheiro. Depois da histórica implementação das políticas do *New Deal*, os bilionários começaram a desaparecer gradualmente dos Estados Unidos. Devido à taxa mais alta de impostos, a distribuição de renda levou a uma “grande compressão”. Os soldos começaram a se igualar e as diferenças salariais entre ricos e pobres ficaram menores. Já em 2005, com a reversão de várias políticas do *New Deal*, a classe dos bilionários surgiu novamente e bem maior do que era nos anos antes da grande depressão.

A corrupção e o capitalismo de compadres podem ser identificados nas maiorias das ações do governo Bush, desde a reconstrução do Iraque até a atuação do governo depois do furacão Katrina, segundo Krugman (2003).

A crise de 2008

Mostrou-se que crises econômicas anteriores tinham um impacto muitas vezes regional, mas qual é o impacto se uma crise atinge a maior economia do mundo? Será relatado agora como, segundo Krugman (2008) a crise de 2008 se iniciou.

Uma figura importante, já na era de Clinton, era Alan Greenspan. Com o passar do tempo ele se tornaria um figura mais trágica. Ele foi “chairman” do Federal Reserve (FED) por vários anos e durante esses anos havia duas grandes bolhas: a bolha das ações e a bolha dos imóveis residenciais. Krugman (2008) acredita que a atuação de Alan Greenspan foi fator importante para o desencadeamento da crise de 2008.

A *bolha das ações* da década de 90 demonstrou, por um lado, que teve um extremo otimismo para que se ganhasse muito dinheiro nas negociações com ações e, por outro, que teve a crença que as crises e as recessões eram coisas do passado e assim houve um grande senso de segurança. Assim os preços das ações chegaram a níveis extremamente “espantosos”. A bolha continuou crescendo cada vez mais.

Já a segunda bolha, a bolha do setor imobiliário, originou essa crise global. A falta de confiança iria prevalecer por muito tempo no mercado e dados cada vez piores do setor imobiliário afetariam a economia norte americana por muitos meses. O sonho de cada americano

de ter a casa própria, que muitas vezes, era comprada com empréstimos. Alan Greenspan mesmo sabendo da bolha não entrevistou para diminuir os riscos de colapsos maiores.

Com taxas de juros muito baixas em 2000 muitos se impressionavam com o aumento contínuo do valor dos imóveis e arriscaram na compra dos mesmos. Muitos compravam casa com valores que não poderiam pagar e dessa forma assumiram dívidas além das suas capacidades financeiras. Essa tendência se tornou cada vez mais comum, porque houve a crença da contínua valorização dos imóveis.

Em 2006 os preços dos imóveis começaram a cair cada vez mais rápidos e isso representou um grande problema para a economia estadunidense. Muitos investimentos eram feitos aonde as casas serviram como garantias e ativos que eram associadas a hipotecas valiam cada vez menos. Pouco a pouco ficou claro, nada no mercado imobiliário era seguro. Houve uma grande perda de confiança nas instituições, que não eram bancos convencionais, que negociavam com os ativos imobiliários, e assim não foram regulamentados com tanto rigor.

O departamento de Tesouro dos Estados Unidos acreditava, segundo Krugman (2008), que o colapso do banco de investimentos *Lehman Brothers* não teria um impacto grave. Mas isso foi um erro grave, pois o colapso do banco de investimentos levou a um colapso de confiança nessas instituições. Um pânico levou a quedas históricas nas bolsas de valores e outras instituições começaram a falir também.

Paul Krugman (2008) relata que, com o crescimento do sistema bancário paralelo (bancos que não são bancos), a vulnerabilidade do sistema financeiro também aumentou. Essas instituições, também os bancos de investimentos, eram menos regulamentadas, já que na crise de 29 elas não eram sujeitas a corridas bancárias. Mas esse sistema bancário paralelo ganhou mais e mais importância, especialmente com o aumento das transações que envolvem maior risco. Assim o economista sugere que “qualquer coisa que necessita de socorro durante a crise financeira, por desempenhar papel essencial no sistema financeiro, deve ser submetido à regulamentação” (p 200).

A crise tornou-se global rapidamente porque muitos outros bancos negociavam no mercado imobiliário americano. Krugman (2008) afirma que assim a globalização financeira se revelou mais perigosa do que imaginado.

Políticas keynesianas para combater a crise

Quando a crise se expandiu em 2008 notou-se rapidamente, que a crença no equilíbrio do mercado e nos mercados eficientes não poderia solucionar os problemas causados. Assim os modelos predominantes tiveram suas limitações. Segundo Carvalho (2009), a constante desregulamentação dos mercados, iniciada na década de 1980, mostrou a crença que “a livre atuação de agentes financeiros seria capaz de garantir a estabilidade desse subsistema”.²⁰ A crise financeira de 2008 mostrou os limites desse raciocínio. Assim o autor relata que Keynes acreditava que deveria haver um conjunto de regulamentações e agentes que supervisionam o mercado para limitar as “tendências desintegradoras” nos mercados financeiros.

Como Krugman (2008), Carvalho (2009)²¹ aponta que as idéias do economista estavam em decadência nos últimos 30 anos, mais hoje estão novamente presentes. A prosperidade após a segunda guerra mundial fez com que Keynes perdesse a relevância. Keynes criticou os pensadores clássicos por não conseguirem explicar elementos como a depressão e a euforia econômica e defendeu a intervenção do estado na economia. Krugman (2008) acredita que Keynes não foi levado muito a sério, mas hoje notamos um aumento na importância do pensamento keynesiano na política econômica.²²

Krugman escreveu em 2008 que Keynes estaria de volta, e de fato, as idéias keynesianas estão muito populares entre os líderes globais. Segundo Krugman (2008), Keynes não acreditava que o problema seria o capitalismo, mas as ajudas do governo serviriam para reativar a economia. O economista explica que o motor econômico precisava de um empurrão para voltar a funcionar normalmente. Para prevenir outra grande depressão esse empurrão deveria vir através dos gastos do estado, com um aumento dos gastos públicos e a redução das taxas de juros.

²⁰ CARVALHO, Fernando Cardim de. *O retorno de Keynes*. Novos estud. - CEBRAP [online]. 2009, n.83, p. 91-101. ISSN 0101-3300.

²¹ CARVALHO, William Almeida de. *A crise financeira mundial: uma perspectiva dos emergentes para os cidadãos do mundo globalizado*, Brasília, Associação Brasileira de Orçamento Público, 2009

²² KRUGMAN, Paul. *Keynes General Theory*. Disponível em: <<http://www.krugmanonline.com/media.php>>. Acesso em: 11 out. 2009. Vídeo.

A visão Novo-Keynesiana defende que os governos devem injetar dinheiro na economia para estimular a demanda. Assim, o excesso na oferta da moeda também levaria a um aumento na demanda por bens e serviços e reanimaria dessa forma o setor econômico.²³

Segundo Mazzucchelli²⁴ os governos estavam dispostos como nunca antes de injetar dinheiro na economia, ao contrário do que aconteceu em 1929. Só os Estados Unidos liberaram 2.5 trilhões para ajudar a economia e a Europa investiu quase 2,75 trilhões para poder garantir a continuidade nas operações bancárias. Em tempos de tumultos financeiros espera-se que o Estado representa a última instância a que se pode recorrer.²⁵

A injeção de capital seria importante para poder garantir a liquidez durante o tempo de desconfiança. Investimentos na infra-estrutura, por exemplo, não só garantiram empregos, mas também trouxeram benefícios para toda a sociedade.

Cooperação Internacional para solucionar problemas de escala global

A crise teve seu início nos Estados Unidos, mas o impacto foi global. Mais claro do que nunca, a vulnerabilidade da economia mundial tornou-se visível. Para poder solucionar esses problemas macroeconômicos a cooperação internacional é fundamental. Muitos governos de diferentes países ressaltaram a importância de atividades conjuntas para enfrentar o desequilíbrio econômico, como veremos nos próximos capítulos.

Sobre a ótica do liberalismo institucional as organizações devem ser fortalecidas para possibilitar a cooperação entre os estados. Através dessas instituições o intercâmbio se tornaria mais fácil e mais provável.

As instituições não precisam existir de forma formal, elas seriam “um conjunto de regras que governam a ação estatal em áreas particulares” (p. 166; JACKSON e SØRENSEN)²⁶. Assim

²³ GONTIJO, Cláudio. Notas críticas sobre a macroeconomia novo-Keynesiana. Rev. Econ. Polit. [online]. 2009, vol.29, n.2 ISSN 0101-3157. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt&pid=S0101-31572009000200007>. Acesso em: 16 maio 2010.

²⁴ MAZZUCHELLI, Frederico. *A crise em perspectiva: 1929 e 2008*. Novos estud. - CEBRAP [online]. 2008, n.82, pp. 57-66. ISSN 0101-3300.

²⁵ JAMES, Harold. Das nächste Ende der Globalisierung, *Zeit Online*. Disponível em: <<http://www.zeit.de/2009/06/Ende-der-Globalisierung>>. Acesso em: 16 nov. 2009.

²⁶ JACKSON, Robert. SØRENSEN, Georg. *Introdução às Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003..

elas teriam a possibilidade não só de tornar a cooperação mais fácil, mas também de coordenar as ações de seus membros.

Essas instituições teriam uma importância fundamental, mesmo que não podem substituir o estado nacional, para diminuir os efeitos desestabilizadores que a anarquia global traz consigo. Assim ganhos mútuos podem ser atingidos além de trazer uma maior transparência para o cenário internacional.

Mazzucchelli (2008)²⁷ aponta, quando fez seu estudo comparado entre a crise de 1929 e a de 2008, que o cenário internacional das duas crises era totalmente diferente. Na década de 30 o mundo estava dividido em blocos e assim a cooperação e a implementação de medidas conjuntas estavam praticamente impossíveis. Notamos que na crise atual rapidamente chegou-se ao consenso que medidas unilaterais teriam pouco efeito sobre as economias em pânico. Assim recorreu-se a instituições do G20 para debater e decidir medidas conjuntas. Uma dessas medidas foi a redução simultânea das taxas e juros dos bancos centrais.

Nos anos 30 notou-se, segundo Mazzucchelli (2008), que as norte americanas eram incompatíveis com as políticas nazistas ou as medidas tomadas pelo Reino Unido ou da França. A crise de 29 com a ausência da cooperação e uma entidade ou uma instituição supranacional, elevou ainda mais a rivalidade entre as nações. Hoje, assim relata Mazzucchelli (2008), o cenário é diferente, já que a grande maioria das nações busca através da comparação diminuir os efeitos negativos da crise.

Pode-se observar que a globalização financeira tem seus perigos, que em 2008 manifestaram-se através das turbulências no mercado acionário. Desde a queda do muro de Berlin e a disseminação das tecnologias de informação, podemos observar que a cada dia os mercados ao redor do mundo se abriram até se tornar quase um único mercado global interligado. Esse fato, como consequência, fez com que a crise de 2008 tivesse dimensões globais.

Políticas de desregulamentação financeira e a crença no mercado que sempre se auto-equilibra são apontados como fatores que levaram à crise. Novos mercados surgem

²⁷ MAZZUCHELLI, Frederico. *A crise em perspectiva: 1929 e 2008*. Novos estud. - CEBRAP [online]. 2008, n.82, pp. 57-66. ISSN 0101-3300.

constantemente, assim um sistema bancário paralelo pode se formar e ganhar grande importância. Bancos do mundo inteiro queriam garantir seus lucros nas transações arriscadas. O rebanho eletrônico exerceu cada vez mais pressão sobre os governos para abrirem os seus mercados e diminuíssem seus controles, prometendo lucros e riquezas instantâneos. Hoje, o desafio é impor novas regras e controles democráticos²⁸ para poder prevenir novas crises.

O desafio também está na cooperação internacional, já que turbulências causadas no exterior levam a vozes críticas que defendem um maior fechamento da economia nacional e a implementação de medidas protecionistas. Vemos na continuação do trabalho, quais foram as tentativas dos governos dos Estados Unidos, da União Européia e do Brasil para amenizar os efeitos da crise, sejam elas políticas macroeconômicas ou políticas voltadas para a economia nacional. A força com que os mercados foram atingidos foi diferente nessas três regiões. Enquanto a Europa sofria diretamente com as perdas no mercado imobiliário norte americano, no Brasil a preocupação eram as variações cambiais e a escassez de crédito. Porém todos os países sofreram com a crise, e tiveram uma queda no Produto Interno Bruto (PIB). Ações as vezes similares adotados pelos líderes dos Estados Unidos e Europeus tentaram primeiramente tranquilizar os mercados e em segunda instância reverter o quadro e impulsionar um crescimento econômico. Já o Brasil não precisava socorrer os bancos nacionais e as medidas focaram no incentivo e aumento do consumo interno enquanto o país se posicionava no cenário internacional como uma potência média que buscava seu espaço nas decisões econômicas globais.

²⁸ MEYER, Henning. *Die Politik muss stärker regulieren*. Zeit Online. Disponível em: <<http://www.zeit.de/online/2009/28/globalisierung-finanzkrise>>. Acesso em: 17 de Novembro de 2009.

Capítulo II

As ações dos governos contra a crise

O capítulo anterior abordou os perigos que a globalização financeira pode ter sobre os mercados pouco regulados, além de trazer exemplos de outras crises que poderiam ter servido como alertas. Nesta parte do trabalho, dispõem-se as respostas imediatas dos governos dos Estados Unidos, da União Européia e do Brasil para diminuir o impacto do caos econômico. Nesse capítulo, vemos quais foram as principais medidas tomadas pelos governos para tentar acalmar o mercado e re-estabelecer a confiança nas instituições, além das decisões para mudanças na estrutura e legislação sobre o setor financeiro.

As ações contra a crise financeira do governo dos Estados Unidos

Antes do colapso na bolsa de valores dos Estados Unidos, no dia 15 de Setembro de 2008, o governo dos Estados Unidos já havia ensaiado uma possível intervenção na economia, isso enquanto o país ainda era governado pelo presidente republicano George Bush. O Federal Reserve (FED) já pressionava a venda de *Bear Stears* para a *J.P Morgan Chas*²⁹ e em março, após o vazamento das notícias de que dois *Hedge-Funds* do banco de investimentos haviam falido. Já no começo de setembro de 2008, o governo foi forçado a assumir o controle de duas instituições grandes que negociavam com hipotecas no mercado norte americano.³⁰

Em setembro de 2008, o banco *Lehman Brothers* faliu, o que atingiu fortemente a confiança nas instituições que agiam no mercado imobiliário norte americano. As autoridades foram forçadas a oferecer ajuda não só para esse setor da economia, mas também para outros setores que foram atingidos indiretamente.

Para tentar amenizar o impacto da crise, o governo americano injetou bilhões de dólares na economia através de pacotes de ajudas, chamados “*Bail-Outs*”. Na primeira tentativa de

²⁹ JPMORGAN Chase kauft Bear Stearns. *tagesschau.de*, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/bearstearn10.html>>; Acesso em 01 de Janeiro de 2010

³⁰ DAS Ende der US-Investmentbanken. *tagesschau.de*, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/chronologiefinanzmarktkrise104.html>>; Acesso em 20 de Abril de 2010

passar o primeiro *Bail-Out*, ele foi vetado pelo congresso americano. Mas no começo de outubro, o pacote reformulado, do então presidente George Bush, foi aprovado com 263 votos a favor.³¹

Inicialmente, esse primeiro *Bail-Out* previa o gasto de 700 bilhões de dólares, mas após a reformulação foram adicionados mais 100 bilhões, especialmente para o setor imobiliário. Esse volume grande de dinheiro seria usado para comprar as ações sem fundos dos bancos, além de garantir contas de investidores privados para prevenir a corrida aos bancos. Um outro ponto foi a ajuda através da diminuição de impostos para companhias que atuam no setor imobiliário.³²

Em fevereiro de 2009, os Estados Unidos aprovam o segundo pacote de ajudas, o *Recovery Act*: 790 bilhões de dólares para a economia em crise. Depois de muitas discussões e impasse entre republicanos e democratas, o *Bail-Out* do novo presidente Obama passou a última barreira do congresso. Mas o pacote também gerou muita polêmica, assim o texto original da cláusula do “Buy-America” teve que ser mudado. A cláusula previa que as empresas que seriam escolhidas para os projetos de infra-estrutura seriam obrigadas a usar aço estadunidense para incentivar a produção nacional do minério. Mas com medo que outros países adotassem estratégias semelhantes, e isso poderia levar a uma nova onda de protecionismo, a cláusula foi mudada. Outra polêmica englobava o tamanho da Lei que somava 1100 páginas no total. Os democratas queriam passar o *Recovery Act* de qualquer jeito. Por outro lado, os republicanos exigiram tempo para poder pelo menos ler o texto em que estariam votando. No final, o *Bail-Out* passou, sem que um senador sequer tivesse lido o mesmo na íntegra.³³

O objetivo do pacote foi de criar ou salvar 3,5 milhões de empregos³⁴ através de investimentos na infra-estrutura, diminuição de impostos sobre a compra de carros, crédito para pessoas que comprariam pela primeira vez sua casa própria, ampliação da oferta de bolsas de estudos e devolução parcial de impostos para famílias de baixa renda, entre outros.³⁵

³¹ Carsten Schmiester. *150 Milliarden Dollar gegen die Rezession*, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/uskonjunkturprogramm2.html>>; Acesso em 10 de Maio de 2010

³² DER gigantische Hilfsplan der US-Regierung. *Tagesschau*. Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/rettungspaket100.html>>. Acesso em: 22 mar. 2010.

³³ EIN denkbar knapper Sieg für Obama. *Tagesschau*. Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/uskonjunkturpaket108.html>>. Acesso em: 11 mar. 2010.

³⁴ SAHADI, Jeanne. *Stimulus: Now for the hard part*, CNNMoney. Disponível em: <http://money.cnn.com/2009/02/17/news/economy/obama_stimulus_meas_success/index.htm?postversion=2009021713>. Acesso em: 24 mar. 2010.

³⁵ DESJARDINS, Lisa. *Winners and losers in the final stimulus Bill*, CNN. Disponível em: <<http://www.cnn.com/2009/POLITICS/02/13/stimulus.winners.losers>>. Acesso em: 24 mar. 2010.

O setor automobilístico é de grande importância para os países, já que milhares de empregos diretos³⁶ e indiretos dependem das montadoras. Não só os trabalhadores das fábricas recebem seus salários, mas deles também dependem os fornecedores de peças e também as lanchonetes e restaurantes que se estabeleceram nas regiões próximas das grandes montadoras. Quando uma fábrica de automóveis é fechada, isso tem um impacto profundo na região. Dessa forma, o governo tenta preservar as fábricas no seu território. Para salvar as montadoras americanas, o governo injetou bilhões de dólares, já que muitas delas encontravam-se à beira da falência.

Ainda em 2008, o congresso americano liberou 25 bilhões de dólares para as montadoras. Mais tarde, o então presidente George Bush, já em seus últimos dias de posse, liberou um crédito de emergência de mais de 17 bilhões de dólares. O uso de crédito obrigava as montadoras a nivelar os salários dos funcionários semelhantes aos salários de trabalhadores de montadoras estrangeiras nos Estados Unidos.³⁷

Porém, não só as fábricas de automóveis necessitam da ajuda governamental, os fornecedores também. Assim, o governo norte-americano ajudou as empresas fornecedores de peças automobilísticas com cerca de 5 bilhões de dólares.³⁸ Dessa forma, o governo pretendia garantir a entrega das peças especialmente para as grandes montadoras, como a *Chrysler*, *General Motors* e *Ford*, como, também, garantir a continuação da fabricação de automóveis no país.

O poder do governo sobre as montadoras automobilísticas veio à tona quando o chefe da General Motors se afastou do seu cargo após imensa pressão da Casa Branca. A saída do presidente foi pré-requisito para que o governo continuasse a dar suporte para a montadora.³⁹ A Casa Branca culpou o chefe da GM pela falência da montadora e exigiu que ele arcasse com todas as consequências.

³⁶ A média anual de empregados na Indústria Automotiva era de 994.000 empregados em 2007 e 873.300 em 2008. U.S. Department of Commerce. *The International Trade Administration*, Disponível em: <http://www.trade.gov/wcm/groups/internet/documents/web_content/auto_report_roadahead2010.pdf>; Acesso em 14 de Maio de 2010

³⁷ PAULERT, Rüdiger. *Abschiedsgeschenke unter Auflagen*, Tagesschau, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/autoindustrie150.html>>. Acesso em: 09 mar. 2010

³⁸ US-Autozulieferer erhalten Milliardenhilfe. *Tagesschau*. Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/autohilfen100.html>>. Acesso em: 24 set. 2010.

³⁹ KASTAN, Klaus. *GM-Chef Wagoner tritt ab*, Tagesschau. Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/wagoner114.html>>. Acesso em: 24 set. 2010.

Para incentivar o consumo de carros novos, o governo decidiu adotar um projeto similar aos dos modelos europeus. O programa chamado *Cash for Klunkers* oferecia um prêmio de até 4.500 dólares para a demolição do carro velho na aquisição de um novo. Além de estimular a compra de automóveis novos, o governo pretendia diminuir a frota poluente de carros de alto consumo de gasolina.⁴⁰ Quanto maior a diferença entre o consumo entre o carro velho e novo, maior era o prêmio.

Com a continuação da crise nos EUA, o FED (*Federal Reserve*) optou por baixar a taxa de juros gradualmente. Às vezes, essa diminuição ocorria simultaneamente a do Banco Central Europeu e do *Bank of England*.⁴¹ Por isso, o FED esperou que a liquidez do mercado aumentasse para que, dessa forma, a economia fosse re-estimulada. Ele diminuiu a taxa de juros até atingir um patamar historicamente baixo, entre 0% e 0,25%. Assim, o governo não tinha mais margem de manobra para tentar aliviar o mercado de crédito através do ajuste da taxa de juros.⁴²

Ainda no início da crise, o Presidente do FED, Ben Bernanke, aplicou quase 500 bilhões de dólares no mercado imobiliário. Com esse dinheiro, o FED comprou hipotecas e, desse modo, injetou dinheiro para dar liquidez ao mercado financeiro. Outra forma que o governo adotou para disponibilizar recursos financeiros foi a compra de títulos públicos. A falta de liquidez foi um grande problema durante o auge da crise. Com pouca confiança nas instituições financeiras, a oferta de créditos e empréstimos tornou-se um negócio arriscado.

Para prevenir crises futuras, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, propôs, junto com Timothy Geithner, o secretário do Tesouro, mudanças na legislação vigente. Uma das propostas seria juntar todas as responsabilidades sob o *Federal Reserve* (FED), que antes eram distribuídas entre várias outras agências. Com os novos poderes, o FED teria mais controle sobre as movimentações financeiras.⁴³

⁴⁰ US-Senat stimmt für Abwrackprämie. *Tagesschau*. Disponível em:

<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/abwrackpraemie210.html>>. Acesso em: 24 mar. 2010.

⁴¹ FED senkt Leitzins auf 1,00 Prozent. *ARD*. Disponível em:

<http://boerse.ard.de/content.jsp?key=dokument_319450>. Acesso em: 10 mar. de 2010.

⁴² GOEPFERT, Angela. *Helikopter-Ben in seinem Revier*. *ARD*, Disponível em:

<http://boerse.ard.de/content.jsp?key=dokument_328000>. Acesso em: 10 mar. 2010.

⁴³ PAULERT, Rüdiger. Kontrolle als Regel, nicht als Ausnahme, *Tagesschau*. Disponível em:

<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/obamafinanzmaerkte104.html>>. Acesso em: 02 maio 2010.

Segundo o presidente, o objetivo dessas novas leis não seriam ajustes da legislação antiga, mas sim uma mudança completa das regras existentes. Assim, os Democratas pretendiam trazer mais transparência e segurança para todo sistema financeiro.⁴⁴ Mas, por outro lado, a oposição republicana no senado criticava a intervenção maciça do estado nesse setor. Essa disputa entre os dois partidos levou inicialmente a um novo impasse no debate das propostas de mudanças na legislação.⁴⁵

As ações contra a crise financeira dos governos da Europa

No começo de outubro, após um encontro dos ministros das fazendas dos diversos países do continente europeu, os estados decidiram apoiar instituições estrategicamente relevantes para evitar uma intensificação do pânico na economia.

Depois do primeiro encontro dos países do G7 em outubro, os estados membros da União Européia se encontraram para debater os próximos passos. Como resultado, todos os países poderiam tomar as medidas que eles mesmos acreditassem que seriam necessárias para controlar as turbulências nos mercados. Porém, o ponto mais importante seria a disponibilização de crédito para prevenir uma armadilha de liquidez e garantir que a economia continuasse a andar. Bancos que recebessem a ajuda dos cofres públicos teriam que submeter-se a regulamentos mais intensificados. Houve um grande consenso entre os participantes na necessidade e urgência das medidas para re-estabilizar a economia.⁴⁶ Em uma cúpula de emergência, também em outubro de 2008, foi dado o sinal verde para que os estados pudessem começar a intervir na economia local por meio de ajudas bilionárias. Houve vários encontros, especialmente no início da crise, para coordenar os passos dos países.⁴⁷

⁴⁴ USA vertrauen dem Markt nicht mehr. Tagesschau. Disponível em:

<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/finanzmarkt118.html>>. Acesso em: 02 maio 2010.

⁴⁵ O SENADO dos EUA rejeita debater reforma do sistema financeiro. G1. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/economia-e-negocios/noticia/2010/04/senado-dos-eua-rejeita-debater-reforma-do-sistema-financeiro.html>>. Acesso em: 02 maio 2010.

⁴⁶ DEEG, Claudia. *Instrumente, um die Krise zu beherrschen*, Tagesschau. Disponível em:

<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/eurolaendergipfel100.html>>. Acesso em: 20 fev. 2010.

⁴⁷ FÜR Quelle kommt das endgültige Aus. *Tagesschau*. Disponível em:

<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/chronologiefinanzmarktkrise132.html>>. Acesso em: 25 fev. 2010.

O Banco Central europeu também agiu durante a crise com a redução da taxa de juros. Assim, a taxa foi gradualmente reduzida até atingir o patamar de 1%, em maio de 2009, para estimular a liquidez no mercado europeu.⁴⁸

Alemanha

A atuação do governo alemão foi parecida com a dos Estados Unidos, pois disponibilizou bilhões de euros para a sua economia. O país germânico tem uma economia voltada ao comércio exterior e dependente dele. Com o agravamento da crise e a queda na demanda em geral, especialmente os países voltados para a exportação, como a própria Alemanha ou o Japão, foram extremamente afetados.

No início da crise, o governo garantiu que, caso uma instituição falisse, ele entraria para socorrê-la, recompensando sobretudo as contas privadas de poupadores. Dessa forma, ele buscava evitar uma corrida aos bancos, o que levou muitos bancos à falência em crises anteriores, como a de 1929.

O primeiro pacote alemão continha o corte de impostos sobre carros novos por um período de até um ano. Desse modo, o governo pretendia incentivar a compra de carros novos. Devido à crise, muitos consumidores evitaram a compra de bens mais caros, com medo da perda do trabalho e apertos financeiros no futuro.⁴⁹

Em fevereiro de 2009, o governo alemão aprovou seu segundo pacote de ajudas. Esse novo pacote previa o corte de vários impostos, como o imposto sobre o seguro de saúde estatal, de 15,5% para 14,9%. O governo também pagou às famílias um bônus de 100 euros por cada criança, com a intenção de ajudar principalmente famílias menos favorecidas.⁵⁰

Outra medida adotada foi a disponibilização de 19 bilhões de euros para a infra-estrutura, tanto como a manutenção e construção de estradas, como também para a ampliação da rede

⁴⁸ EZB senkt erneut Leitzins. *ARD*. Disponível em: <http://boerse.ard.de/content.jsp?key=dokument_350692>. Acesso em: 25 fev. 2010.

⁴⁹ MILLIARDENSCHUB für die Konjunktur? *Tagesschau*. Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/konjunktur140.html>>. Acesso em: 25 fev. 2010.

⁵⁰ KNY, Astrid. *Mehr Geld für Kinder, die Konjunkturpakete*. <<http://www.konjunkturpaket.de/Webs/KP/DE/FuerBuerger/fuer-buerger.html>>. Acesso em: 5 mar. 2010.

ferroviária. Parte do dinheiro deveria ser usada para a construção e reforma de creches, escolas, universidades e hospitais.⁵¹

Para incentivar a aquisição de carros novos, o governo iniciou um programa no qual concederia um vale de 2.500 Euros para o carro velho na compra de um novo. Mas, o carro novo precisava ser um modelo que emitia menos gases poluidores. Além disso, o governo efetuou mudanças no imposto de automóveis. A partir de julho de 2009, carros menos poluentes pagariam menos impostos, já carros com mais emissão de CO₂ pagariam mais.⁵²

O governo também fez mudanças na legislação para poder obter o controle sobre bancos falidos. Essa norma entrou em vigência com o intuito de comprar o banco falido *Hypo Real Estate*, que tinha um papel crucial como banco de investimento. Os líderes do país acreditavam que uma falência do banco teria efeitos muito negativos para todo sistema financeiro europeu, além de abalar mais uma vez a confiança de consumidores e investidores.⁵³

Grã Bretanha

O governo da Grã Bretanha também criou o seu primeiro pacote de ajudas, totalizando o montante de US\$ 850 bilhões. Parte desse dinheiro, US\$ 87 bilhões, seria destinada para empresas especializadas no setor imobiliário. O pacote também previa ajudas e garantias para instituições financeiras em necessidade, além da disponibilização de US\$ 352 bilhões para melhorar a liquidez no setor bancário.⁵⁴

Outra medida que o governo adotou foi o corte de impostos, como a diminuição do imposto geral, de 17,5% para 15%, para incentivar o consumo interno.⁵⁵ Essa medida seria limitada à 13 meses. O governo da Grã Bretanha também anunciou vários projetos de investimentos governamentais na construção e reformação de locais públicos, incluindo a

⁵¹ KNY, Astrid. *Investitionen, die Konjunkturpakete*.

<<http://www.konjunkturpaket.de/Webs/KP/DE/Investitionen/investitionen.html>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

⁵² HRE wird staatlicher, Opel vorerst gerettet. *Tagesschau*. Disponível em:

<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/chronologiefinanzmarktkrise122.html>>. Acesso em: 27 fev. 2010.

⁵³ HRE wird staatlicher, Opel vorerst gerettet. *Tagesschau*. Disponível em:

<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/chronologiefinanzmarktkrise122.html>>. Acesso em: 5 mar. 2010.

⁵⁴ NANTO, Dick K. *et al. The Global Financial Crisis: Analysis and Policy Implications*. Disponível em:

<<http://www.fas.org/sgp/crs/misc/RL34742.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2010. p.66-67.

⁵⁵ ROSE, David. *Konjunkturprogramme der EU-Staaten*, Tagesschau. Disponível em:

<<http://www.tagesschau.de/static/flash/eu-konjunkturprog-08/index.html>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

renovação e ampliação da infra-estrutura no país. Para financiar os gastos adicionais, o governo previa a elevação de tributos para pessoas físicas que ganham mais de US\$ 225.000 ao ano à partir de abril de 2011.⁵⁶

Outra medida tomada foi a parcial estatização de bancos e de outras instituições financeiras. Com isso, o governo pretendia ajudar em especial os bancos que não conseguiam se manter funcionando depois dos prejuízos causados pelo mercado externo e pelas turbulências provocadas pelas dificuldades internas.⁵⁷ Em janeiro de 2009, o governo ofereceu novas linhas de créditos para pequenas e médias empresas que sofriam com a falta de liquidez para financiar as suas operações.

Com o *Banking Act* de 2009, o *Bank of England* recebeu mais poderes para agir com mais rapidez no sistema bancário inglês. Com essa nova lei, o banco central pode ajudar com mais agilidade outras instituições que enfrentam dificuldades e assim proteger melhor os investidores. Compensações serão pagas com mais rapidez caso um banco quebre, dessa forma, as autoridades podem tomar medidas antecipando, por exemplo, a migração de contas de investidores de bancos em falência para instituições mais fortes.⁵⁸

Do mesmo modo que o governo da Alemanha e dos Estados Unidos, o governo britânico também teve um programa para estimular a troca de carros. O governo ofereceu 2.000 libras por um carro velho, com mais de 10 anos, na compra de um novo.⁵⁹

França

O governo francês decidiu fazer um pacote somando um total de 26 bilhões de Euros. Seu objetivo principal era fortalecer a indústria automobilística e incentivar a compra de carros novos. O governo, então, optou por aumentar o prêmio para a troca de automóveis, de 300 euros

⁵⁶ NANTO, Dick K. *et al. The Global Financial Crisis: Analysis and Policy Implications*. Disponível em: <<http://www.fas.org/sgp/crs/misc/RL34742.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2010. p.67.

⁵⁷ 500 Milliarden Pfund für die Banken. *Tagesschau*. Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/finanzkrise172.html>>. Acesso em: 26 mar. 2010.

⁵⁸ NEW Banking Act comes into effect. *BBC*. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/7902350.stm>>. Acesso em: 14 maio 2010.

⁵⁹ MONTADORAS temem fim dos programas de incentivo à troca de carros na Europa. *G1*. <<http://g1.globo.com/Noticias/Carros/0,,MUL1259268-9658,00-MONTADORAS+TEMEM+FIM+DOS+PROGRAMAS+DE+INCENTIVO+A+TROCA+DE+CARROS+NA+EUROPA.html>>. Acesso em: 22 out. 2009.

para 1.000 Euros. Assim, mais pessoas comprariam carros novos, ajudando a eliminar gradualmente carros mais antigos que geralmente poluíam mais.⁶⁰ Além desse programa para o setor automobilístico, o governo também ofereceu US\$ 1,2 bilhão para as montadoras Renault e Peugeot.⁶¹

O governo francês também resolveu direcionar parte do dinheiro para o melhoramento da infra-estrutura do país, como a ampliação das redes de trens e das estradas, bem como a construção de novas escolas e universidades. Outra medida para incentivar o consumo foi a distribuição de vales de compras de 200 Euros para cerca 3,8 milhões de famílias.⁶²

Para atender os diversos setores, o governo francês optou por criar duas novas agências estatais que ofereciam fundos de créditos. Uma das duas agências foi equipada com US\$ 480 bilhões para oferecer garantias para as transações interbancárias. A outra agência auxiliava empresas em dificuldades e permitiu que o governo comprasse ações das firmas. Para essa segunda instituição, o governo liberou US\$ 60 bilhões.⁶³

O governo do país europeu também precisou investir no setor bancário, mas para os bancos terem acesso ao dinheiro público eles precisavam cumprir uma série de exigências, como o corte de prêmios para os gerentes. Os bancos também precisavam se comprometer em aumentar a linha de crédito, aumentando, assim, a liquidez no mercado.

Novas regras para o sistema financeiro europeu

Para prevenir crises futuras, os ministros das finanças dos diversos países europeus começaram a trabalhar em medidas para modernizar o sistema financeiro europeu. Essas novas regras deveriam ser propostas e levados à prática até o final de 2010, segundo a comissão européia.

⁶⁰ ROSE, David. *Konjunkturprogramme der EU-Staaten*, Tagesschau. Disponível em:

<<http://www.tagesschau.de/static/flash/eu-konjunkturprog-08/index.html>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

⁶¹ NANTO, Dick K. *et al. The Global Financial Crisis: Analysis and Policy Implications*, Disponível em:

<<http://www.fas.org/sgp/crs/misc/RL34742.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2010. p.67.

⁶² NICHTS tun wäre teurer. *Tagesschau*. Disponível em:

<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/konjunkturprogrammfrankreich102.html>>. Acesso em: 22 out. 2009.

⁶³ NANTO, Dick K. *et al. op. cit.*, p.62.

Dessa maneira, os ministros das finanças pretendiam propor um sistema que melhorasse o intercâmbio de informações entre as diversas agências governamentais e as agências reguladoras europeias. Essa nova arquitetura deverá ser debatida em junho de 2010.⁶⁴ As propostas prevêm o fortalecimento de instituições já existentes. Portanto, as três agências responsáveis para o monitoramento de bancos, seguradoras e dos mercados financeiros receberiam mais poder de decisão.⁶⁵ Um novo conselho, junto com o Banco Central Europeu, monitoraria todo sistema financeiro e em casos de riscos chamaria a atenção das autoridades estatais. Criar-se-ia, assim, um sistema que transcende por toda Europa, algo que antes da crise econômica era difícil de imaginar.

A União Européia também propôs novas regras para os seguros bancários e a disponibilização de crédito entre os bancos. Desse modo, uma instituição financeira não poderá oferecer crédito para outro banco se este representar mais de 25% do capital próprio.⁶⁶

Países como a Alemanha pretendem pôr em prática outras medidas além das acordadas com os outros países europeus. Dessa forma, o governo alemão pretende adotar uma taxa de 0,1% sobre os lucros dos bancos. Esse dinheiro seria guardado em um fundo de emergência e poderia ser utilizado em casos de emergência.⁶⁷

Para restabelecer a confiança na moeda única, os países da União Européia criaram em maio de 2010 um fundo de emergência para os estados endividados com risco de falência. O fundo tem um volume de 720 bilhões de Euros e conta com garantias e ajudas financeiras imediatas, além de recursos pelo Fundo Monetário Internacional. Assim os países Europeus pretendem diminuir o risco de ataques especulativos contra a moeda e a economia local.⁶⁸

⁶⁴ EU arbeitet an neuer Finanzaufsicht. *FOCUS Online*; Disponível em: < http://www.focus.de/finanzen/news/eu-eu-arbeitet-an-neuer-finanzaufsicht_aid_387121.html>. Acesso em: 25 abr. 2010.

⁶⁵ LANDMESSER, Wolfgang. *Neue Finanzaufsicht für Europa*, Tagesschau. Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/europaeischefinanzaufsicht100.html>>. Acesso em: 01 maio 2010.

⁶⁶ EU-Parlament verschärft Vorschriften für Banken. Tagesschau. Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/banken144.html>>. Acesso em: 01 maio 2010.

⁶⁷ BANKEN-Sonderabgabe-Wer bezahlt die Rechnung für den Crash?. *FOCUS Online*. Disponível em: <http://www.focus.de/finanzen/news/banken-sonderabgabe-wer-bezahlt-die-rechnung-fuer-den-crash_aid_487463.html>. Acesso em: 25 abr. 2010.

⁶⁸ MUSSLER, Werner e WELTER, Patrick. *Wie der Euro-Rettungstopf funktioniert*. Disponível em: <<http://www.faz.net/s/Rub3ADB8A210E754E748F42960CC7349BDF/Doc~EB9FB344E569D4398B6B9EB94FD833949~ATpl~Ecommon~Scontent.html>>; Acesso em 17 de Maio de 2010

Resultados na Europa

Os incentivos do governo alemão fizeram com que a demanda interna continuasse aquecida por um longo período durante a crise. Enquanto outros países enfrentaram problemas na demanda interna, os alemães continuaram a investir no mercado interno.

Mas a Alemanha depende muito do comércio exterior, e muitas empresas locais sentiram fortemente a queda na demanda mundial. Além disso, os bancos tiveram muito contato com os bancos norte-americanos e registraram grandes perdas com o envolvimento no setor imobiliário deste país.

O governo alemão tradicionalmente dá grande atenção para o setor automobilístico e com os prêmios sobre carros velhos e cortes de impostos, as montadoras superaram o período das turbulências financeiras com ganhos expressivos, assim até 40% novos carros a mais foram licenciados em abril de 2009 em comparação ao mesmo período do ano anterior.⁶⁹ Após o término dos estímulos, as quedas na demanda por automóveis foram expressivas, mas com o mercado mais acalmado, a maioria das montadoras superou a crise.

Enquanto a GM enfrentou grandes problemas nos Estados Unidos, os governos europeus, especialmente o governo Alemão, negociavam uma separação da OPEL da empresa-mãe General Motors. Os vários meses de negociações e a luta constante para preservar milhares de empregos foram frustrados depois que a GM optou pela não separação⁷⁰. Nos meses anteriores, os governos Europeus encontraram-se varias vezes com representantes da GM nos Estados Unidos para acordar a independência da OPEL.

Em relação aos estímulos, também houve críticas ao programa de troca de carros adotados pelos países europeus e nos Estados Unidos. O estímulo a compra de carros novos leva à perdas principalmente para os mecânicos e oficinas que sobrevivem dos concertos dos carros. Assim, especialmente durante esse tempo difícil da crise, as oficinas também lutaram contra a queda da demanda pelos seus serviços. A intervenção do governo gera ganhos para uma parte da economia, mas por outro lado também dificulta a situação para outras.

⁶⁹ ABWRAKPRÄMIE macht Krise vergessen. *Tagesschau.de*, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/neuzulassung104.html>>; Acesso em 05 de Março de 2010

⁷⁰ GM will Opel doch behalten. *Tagesschau*. Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/chronologiefinanzmarktkrise134.html>>. Acesso em: 03 mar. 2010.

A atuação do governo brasileiro

Até o presente momento, os impactos da crise sobre o Brasil podem ser considerados pequenos. Contudo, o país enfrentou algumas dificuldades durante os tumultos financeiros nos Estados Unidos e na Europa. Por isso, o governo brasileiro começou a agir em alguns setores, incluindo uma intervenção por parte do Banco Central.

No início, o impacto da crise se deu especialmente pela dificuldade que os bancos e outras instituições tiveram na aquisição de crédito no mercado externo. Para restabelecer a liquidez no mercado, o Banco Central do Brasil liberou parte dos compulsórios e ofereceu créditos em dólares americanos para repor a saída dos mesmos.⁷¹ Inicialmente, o Banco Central optou em preservar a taxa de juros do patamar pré-crise. Como o presidente do banco afirmou, uma redução da taxa básica de juros teria efeitos de pouco impacto na economia em um primeiro momento. Somente três meses após o estouro da bolha em Nova Iorque, a entidade monetária iniciou a diminuição gradual da taxa de juros.

O pânico na *Wall Street* fez com que investidores retirassem seu dinheiro aplicado no país. Isso levou a oscilações grandes do dólar americano. Para restringir essas flutuações, o Banco Central interviu frequentemente com leilões para trazer a estabilidade de volta.⁷²

Como na Alemanha, no Brasil também foi preciso mudar algumas normas e regulamentos internos para dar conta das novas questões que surgiram através da crise. Assim, através de um decreto, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal tiveram permissão de, quando necessário, comprar bancos nacionais de menor porte.

Para estimular o mercado interno, o governo brasileiro adotou várias medidas, entre elas a redução do IPI (imposto sobre produtos industrializados) para a linha branca de eletrodomésticos, para a compra de motos, diminuição de impostos sobre materiais de construção e redução do imposto sobre a venda de carros e caminhões.⁷³

⁷¹ O que já foi feito contra a crise. *Editora Abril S.A.* Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/crise-financeira/guia1.html#1brasil>>. Acesso em: 25 fev. 2010.

⁷² VEJA as medidas contra a crise já tomadas pelo governo no Brasil, *UOL*, Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/ultnot/2008/12/11/ult4294u2001.jhtm>>. Acessado em 20 de Fevereiro de 2010

⁷³ DA “marolinha” à salvação pelos pobres: a crise no Brasil, *Abril*, Disponível em: <<http://www.abril.com.br/noticias/economia/marolinha-salvacao-pelo-pobres-crise-brasil-498420.shtml>>. Acesso em 25 de Fevereiro de 2010.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o PIB do Brasil voltou a crescer no segundo trimestre de 2009.⁷⁴ Dessa forma, o país tornou-se interessante para investidores externos. O capital estrangeiro começou a entrar em maior escala no país sulamericano, o que teve impacto na taxa de câmbio. O real começou a se valorizar fortemente, após as grandes perdas durante o início da crise financeira. Para diminuir a pressão sobre o real, as autoridades impuseram uma taxa sobre as movimentações financeiras vindas do exterior. O IOF (imposto sobre movimentações financeiras) foi de 2% para evitar a formação de uma bolha nas ações.⁷⁵

As perspectivas do Brasil

Como já mencionado anteriormente, os países em desenvolvimento, especialmente o Brasil, sentiram relativamente pouco impacto da crise financeira dentro das fronteiras nacionais. A nova posição do Brasil no cenário internacional gerou euforia no país. A oportunidade de poder sediar grandes eventos como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos de Verão em mostraram a confiança na estabilidade do país pelos órgãos esportivos internacionais.

Porém o economista Paul Krugman está mais cauteloso em relação a expansão da economia brasileira. Na opinião dele, muitos investidores estaria perdendo o contato com a realidade e estariam investindo valores injustificados no país.

O Brasil tornou-se atrativo ao sair mais forte da crise, e assim ele vive um *boom* de investimentos externos. Mas isso também trouxe riscos, especialmente em relação a taxa de câmbio. Krugman analisou a taxa com mais preocupação, já que as medidas do governo, com a taxa de 2% sobre as operações financeiras não teve muito efeito. Para o economista, o real valorizado traria mais desvantagens, já que os produtos brasileiros se tornam mais caros no exterior.

⁷⁴ DA “marolinha” à salvação pelos pobres: a crise no Brasil, *Abril*, Disponível em: <<http://www.abril.com.br/noticias/economia/marolinha-salvacao-pelo-pobres-crise-brasil-498420.shtml>>. Acesso em 25 de Fevereiro de 2010.

⁷⁵ ROMEO, Cristiano e VILLAVARDE, João. *ValorOnline*, Disponível em: <http://www.valoronline.com.br/?impresso/caderno_a/83/5878677/dolares-para-bolsa-terao-iof-de-2%>>. Acessado em 04.03.2010.

O economista também alega que nem sempre toda atenção para um país, como vive o Brasil hoje, é boa. Ele apontou outros exemplos, como o México e a Argentina, que também viviam um grande *boom*, mas em seguida enfrentaram sérios problemas econômicos.

Durante a crise, o país também se beneficiou indiretamente dos pacotes de ajudas dos países desenvolvidos. Investimentos fortes nos diversos setores aumentaram a demanda por matéria prima, o que fez crescer a demanda pelas exportações brasileiras.⁷⁶

Mas a contínua desvalorização do dólar fez com que o superávit na balança comercial de abril de 2010 caísse para 65,3% em relação ao mesmo período do mês do ano anterior. Com esse quadro, as importações do país aumentaram significativamente enquanto as exportações não acompanhavam nesse passo acelerado.⁷⁷

Para tornar as exportações brasileiras mais atrativas, o governo brasileiro propôs em maio de 2010 novas medidas para melhorar o desempenho das vendas externas. Uma dessas medidas seria a criação do *Exim-Brasil*, um banco que financiará as operações dos exportadores brasileiros. A instituição teria uma ligação direta com o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) e facilitaria as vendas externas. Outras medidas são a devolução mais rápida de créditos, a unificação de fundos de garantia, além da criação de uma empresa especialmente para esse setor.

Com o anúncio do PAC 2⁷⁸ novo dinheiro será injetado na economia do Brasil. Com esses novos recursos, aplicados em setores estrategicamente importantes, o país sulamericano poderá continuar se destacando no cenário econômico mundial. O PAC 2 prevê investimentos de 104,5 bilhões de reais para a infra-estrutura, outros investimentos visam incentivar a construção civil.

Dessa forma espera-se que o Brasil continuará se destacando no cenário internacional com dados econômicos favoráveis, uma vez que o país continua com investimentos pesados,

⁷⁶ DEUSENMARKT -Der Real hält den Aufwertungstrend. *FAZ.net*, Disponível em: <<http://www.faz.net/s/Rub58BA8E456DE64F1890E34F4803239F4D/Doc~E757352184DAD4E5B9C13EB818384C20E~ATpl~Ecommon~Spezial.html>> Acesso em 28 de abril de 2010.

⁷⁷ RODRIGUES, Eduardo. *Falta de competitividade do produto brasileiro prejudica exportação*, Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u729543.shtml>>. Acesso em 05 de Maio de 2010.

⁷⁸ PASSARINHO, Nathalia. *PAC 2 é herança bendita para sucessor, diz Dilma*, G1, Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1549217-5601,00-PAC+E+HERANCA+BENDITA+PARA+SUCESOR+DIZ+DILMA.html>>. Acessado em 03 de Abril de 2010.

enquanto outras nações pensam em diminuir gradualmente as suas intervenções na economia local.

Com a entrada do governo Lula, as empresas nacionais ganharam mais destaque na política econômica do Brasil. Assim, segundo uma matéria da revista EXAME⁷⁹, um grande motor da economia do país continua sendo a Petrobrás, e houve várias tentativas dos líderes políticos em implementar novas empresas nacionais para gerar mais empregos e aumentar a competitividade internacional do Brasil nos diversos setores econômicos. Através dessas empresas ou de fundos soberanos os países tentariam movimentar a economia. Especialmente países como a Rússia e a China adotam a estratégia de grandes empresas nacionais que servem como motores para o setor econômico.

De um lado essas grandes empresas poderiam gerar novos empregos e trazer alívios a curto prazo. Mas uma dominação estatal acabaria com a concorrência, que não é muito benéfico para o crescimento econômico ao longo prazo. O eleitor terá um papel importante em decidir qual rumo que o país tomará nos próximos anos.

Dívidas

As taxas de juros nos Estados Unidos e na Europa foram baixadas rapidamente a zero e com isso os governos precisavam atuar em outras áreas para estimular a economia. Com pacotes de ajudas bilionários, os governos injetaram quantias de dinheiro nunca imaginadas antes no mercado. Especialmente os Estados Unidos investiram bilhões para ajudar as empresas e salvar bancos da falência. Estima-se, que até o começo de 2009 os estímulos fiscais somaram mais de 3% da produção da riqueza mundial.⁸⁰

Quando os pacotes de ajudas foram aprovados no congresso dos Estados Unidos, a oposição republicana criticou, especialmente, a quantia astronômica das ajudas. O dinheiro foi liberado mesmo sabendo que afetará várias gerações futuras que pagarão pelos gastos e incentivos atuais.

⁷⁹ LAHÓZ, André e ROBERTO, *José Caetano. Estado grande ou estado forte?*, Portal EXAME, Disponível em: <<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0963/economia/estado-grande-ou-estado-forte-537394.html>>. Acesso em 14 de Abril de 2010.

⁸⁰ WORLD Trade Report 2009. *WTO Publications*, Disponível em: <http://www.wto.org/english/res_e/booksp_e/anrep_e/world_trade_report09_e.pdf>. Acessado em 30 de Abril de 2010.

O caso da Grécia ganhou grande reputação internacional, quando passou, no início de 2010, grandes problemas em pagar a dívida do país. O país perdeu gradualmente suas notas de classificação de risco de crédito o que dificultou ainda mais a tomada de novos empréstimos. O caso da Grécia abalou a comunidade europeia e outros países como a Espanha e Portugal que podem enfrentar problemas similares com suas dívidas públicas gigantescas.

Especialmente os Estados Unidos vêm com preocupação o desenvolvimento da crise grega no continente europeu. Líderes do país norte americano estão com medo que a crise possa se projetar para outros países desenvolvidos e assim ter uma influência negativa na tentativa de solucionar os problemas da dívida decorrente dos gastos durante a crise financeira de 2008.

A Europa mostrou-se pouco unida nas tentativas de ajudar a Grécia. E assim questiona-se, se as instituições europeias realmente estão preparadas para crises como a atual, que ameaçam fortemente a moeda única e a estabilidade da união. O presidente Francês, Sarkozy, e a Chanceler alemã, Angela Merkel, pretendem iniciar um debate sobre mudanças nas regras da união Europeia. Eles propuseram uma série de medidas para a Comissão Europeia e os Estados membros.

Entre outras medidas os dois países exigiram uma coordenação melhor dos países membros no setor econômico além da criação de uma agência de *rating* europeia para diminuir o poder as agências existentes. Líderes europeus criticaram a atuação das agências de *rating*, especialmente em relação a avaliação de papéis de alto risco antes da crise de 2008. Eles criticaram que através de avaliações positivas, e papéis arriscados os investidores eram enganados. Merkel e Sarkozy criticaram as agências quando diminuíram as notas de classificação de risco de crédito da Grécia o que, segundo os dois líderes, piorou ainda mais a situação dos gregos.

Com medo de um aumento da crise da dívida na região do Euro, a Polônia, que era candidata a adotar a moeda única em 2012, adiou esse passo da integração monetária.

Essa parte do trabalho reatou as principais medidas adotadas pelos países escolhidos para o trabalho de reverter o quadro de recessão econômica. Os gastos dos governos europeus e norte americano trouxeram alívios á curto prazo, mas podem levar a estrangulamentos no longo.

Especialmente as novas dívidas vão afetar os cofres públicos por um longo período, e casos como da Grécia elevem o medo do colapso total de estados inteiros. A Europa enfrenta uma das mais profundas crises desde da sua criação e o euro sofreu perdas históricas. A moeda única já foi especulada como possível substituição do dólar americano como moeda internacional,⁸¹ mas hoje mais do que nunca investidores fogem da divisa pó causa das incertezas no continente.

A terceira parte desse trabalho focaliza as ações conjuntas, especialmente os encontros do G-20 para debater os próximos passos e discutir reformas nas regras, instituições e agências internacionais. O G-20 foi substituindo pouco a pouco às cúpulas do G-8 quando tornou-se evidente que a participação dos países em desenvolvimento seria fundamental para a eficiência das novas regras internacionais.

⁸¹ STEIL, Benn. *The Future of the Dollar*. Disponível em: <<http://hir.harvard.edu/index.php?page=article&id=1843>>; Acesso em 01 de Maio de 2010

Capítulo III

Ações conjuntas

No dia 10 de outubro de 2008, os ministros da fazenda do G7 se encontram para discutir os próximos passos. Eles decidiram um plano de metas para controlar o caos financeiro.⁸² Os ministros concordaram que bancos com grande importância para o sistema financeiro local, e também global, têm que ser fortalecidos e não podem falir, mesmo que isso possa significar uma intervenção do governo. Também houve consenso de que o dinheiro investido pelos governos deveria ser devolvido pelas agências que utilizaram esses recursos, após a recuperação da economia. O programa também incluiu a garantia do dinheiro dos investidores nos bancos pelo próprio governo.

Em Novembro de 2008, as 20 maiores potências econômicas se encontraram para discutir os primeiros passos para superar a crise. Os países concordaram que mudanças precisariam ser feitas no sistema financeiro internacional. Por isso, os países decidiram intensificar os regulamentos, especialmente sobre os *Hedge-Funds* e as *agências de rating*. Também foi decidido aumentar o papel do FMI para ajudar, preferencialmente, países subdesenvolvidos a enfrentar a crise internacional. Os países tiveram um entendimento mútuo de que uma nova onda de protecionismo só aumentaria os problemas e criaria novas dificuldades. Dessa forma, o livre comércio deveria persistir, mas com mais transparência e com mais regras.⁸³

No mesmo dia, os ministros da fazenda do G7 haviam se encontrado em Roma para tratar da crise. Mais uma vez o protecionismo foi um ponto de discussão durante as reuniões. Os países concordaram que o único caminho para enfrentar a crise seria um caminho conjunto e não um caminho isolado de cada nação. Especialmente o Japão e a Alemanha dependem muito da economia mundial e, assim, uma nova onda de protecionismo e isolamento das nações teria impactos extraordinários nesses dois Estados.⁸⁴

⁸² PAULERT, Rüdiger. "Aggressiver Aktionsplan" gegen Finanzkrise, Tagesschau, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/finanzminister110.html>>. Acesso em 15 de Março de 2010.

⁸³ AKTIONSPLAN gegen Finanzkrise. Tagesschau, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/weltfinanzgipfel118.html>>. Acesso em 15 de Março de 2010.

⁸⁴ TROENDLE, Stefan. *Mit allen Mitteln gegen die Krise*, Tagesschau, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/finanzminister120.html>>. Acesso em 16 de Março de 2010.

Um consenso histórico foi alcançado no G20, no começo de abril de 2009, em Londres, quando os países das 20 maiores economias se encontraram para debater um caminho conjunto para superar as dificuldades impostas pela crise financeira mundial. Esses países decidiram ajudar as nações mais pobres com mais de um bilhão de dólares, além de combater os chamados “paraísos fiscais”. Outro consenso foi em termo dos regulamentos dos mercados, onde todos concordaram em fiscalizar com mais rigor as transações e os movimentos dos mercados entre os diferentes países.⁸⁵ Para atingir esse alvo, agências estatais que supervisionam os mercados deveriam ser reformadas e os seus poderes ampliados. Além da centralização do monitoramento, representantes das agências deveriam encontrar-se freqüentemente com as instituições de outros países para um intercâmbio de informações.⁸⁶ Também foi discutido a criação do *Financial Stability Board* (FSB) para reforçar o Fundo Monetário Internacional.

O encontro em Pittsburgh, no final de setembro de 2009, resultou no aumento significativo da importância das reuniões do G20.⁸⁷ As decisões dos vinte países mais ricos do mundo determinariam a direção da economia mundial, antes reservado para as reuniões do G7 ou G8. Dessa forma, países em desenvolvimento ganharam um papel e uma voz importante nas decisões políticas globais. O cenário de turbulências nos países desenvolvidos beneficiou os países emergentes, como Brasil, Índia e África do Sul. Esses países ganharam mais importância e mais respeito na comunidade internacional.

Entre as decisões tomadas no G20 de Pittsburgh, estavam as limitações dos bônus dos gerentes, onde os chefes das empresas precisariam focar ganhos a longo prazo e não ganhos arriscados e a curto prazo. Negócios arriscados levaram à bolha financeira que originou a crise atual. Os gerentes foram fortemente criticados, pois embora fossem responsáveis pela crise e mesmo que a empresa necessitasse da ajuda do governo, eles continuaram a ganhar prêmios horrendos.

⁸⁵ G20- Gipfel in London. *Spiegel Online*. Disponível em:

<<http://www.spiegel.de/politik/ausland/0,1518,617092,00.html>>. Acesso em: 02 de April de 2009.

⁸⁶ NANTO, Dick K. et al. *The Global Financial Crisis: Analysis and Policy Implications*, Disponível em:

<<http://www.fas.org/sgp/crs/misc/RL34742.pdf>>. Acesso em 14 de Maio de 2010. p.85

⁸⁷ G20 estabelece bases para nova ordem econômica mundial. *GI*, Disponível em:

<<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1319199-5602,00-G+ESTABELECE+BASES+PARA+NOVA+ORDEM+ECONOMICA+MUNDIAL.html>>. Acesso em 29 de Setembro de 2009.

Os bancos serão obrigados a investir uma porcentagem mais elevada de capital próprio, para impedir assim que eles façam transações mais arriscadas. Além disso, os países se obrigaram a regularizar com mais ênfase o setor econômico e as transações financeiras.⁸⁸ Os governos concordaram em tomar medidas para que regulamentações se ampliem também para outros setores financeiros, como o sistema não bancário.

Os países concordaram que a arquitetura do sistema financeiro internacional precisava ser reestruturada. Como um dos primeiros ajustes, o *Financial Stability Board* (FSB) foi criado. Essa agência deveria coordenar e monitorar o progresso de modernização do sistema financeiro internacional. Os líderes enfatizaram na importância das reformas em outras instituições e órgãos internacionais para melhorar a cooperação e o monitoramento do progresso.⁸⁹

As autoridades estatais também concordaram em promover ajudas para países mais pobres e que sofriam ainda mais com a crise econômica. Nesse sentido os líderes do G-20 pretendem tomar medidas para facilitar o acesso a esses países a financiamentos, comida e combustíveis.⁹⁰

Nas reformas e investimentos feitos pelos governos, os países se comprometiam em favorecer energias renováveis e sustentáveis. Eles também acordaram que a transferência da tecnologia mais limpa para outros países precisa ser facilitada.

Um outro resultado foi o aumento da importância do FMI, que agora contaria com uma participação maior dos países em desenvolvimento. Esses países ganharam 5% de maior poder de voto no FMI e 3% de maior poder de voto no Banco Mundial. Com isso, houve um considerável aumento de importância dos países emergentes.⁹¹

Historicamente, segundo Dominique Strauss-Kahn⁹² Chefe do FMI, a instituição teve três tarefas principais. A primeira seria a de alertar os países sobre possíveis crises econômicas. Em segundo lugar o FMI deveria indicar políticas para os governos e por último, a instituição deve socorrer países com desequilíbrios econômicos.

⁸⁸ DIE Beschlüsse von Pittsburgh. *N-TV*, Disponível em: <<http://www.n-tv.de/politik/Die-Beschluesse-von-Pittsburgh-article521438.html>>. Acesso em 16 de Março de 2010.

⁸⁹ NANTO, Dick K. et al. *The Global Financial Crisis: Analysis and Policy Implications*, Disponível em: <<http://www.fas.org/sgp/crs/misc/RL34742.pdf>>. Acesso em 14 de Maio de 2010. p.83

⁹⁰ NANTO, Dick K. et al. p.83 op. cit.,

⁹¹ DIE Beschlüsse von Pittsburgh. op. cit.

⁹² STRAUSS-KAHN, Dominique. *SPIEGEL. Stärker als die Vernunft*, Disponível em: <<http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-66886613.html>>. Acesso em 03 de Junho de 2010

Recentemente as ajudas necessitadas pelos países do FMI tornaram-se cada vez maiores com volumes de dinheiro mais altos. Para atender a demanda para eventuais empréstimos de emergência, o FMI precisará levantar novos recursos. Nas crises anteriores, os governos tentaram evitar o envolvimento com o fundo, já que com o dinheiro viriam prescrições de políticas econômicas estritas e assim a atuação governamental foi restrita. Após a intervenção na Grécia, mostrou-se que a atuação do fundo também pode ser mais flexível. Os países membros estudam a possibilidade de reformar o FMI para uma instituição que pode servir como seguradora dos países soberanos.

Outro encontro do G20 realizou-se em abril de 2010 em Washington. Os ministros das finanças e os presidentes dos bancos centrais se reuniram para discutir sobre o crescimento econômico e a superação da crise financeira. Um dos objetivos foi coordenar as ações para equilibrar o crescimento econômico e torná-lo mais estável e durador.⁹³ Ainda há uma divergência nas opiniões sobre as medidas a serem adotadas, após o encontro em Washington.

Por um lado, os americanos e europeus defendem uma taxa extra para os bancos, por outro, países como o Brasil defendem a elevação do capital próprio dos bancos nas transações mais arriscadas. Especialmente os países do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) não concordam com essa taxa adicional, já que os bancos nacionais não foram igualmente afetados como os dos países desenvolvidos.⁹⁴

Essa divergência de opiniões sobre as novas regras se dá especialmente por que o impacto da crise foi diferente nos países em desenvolvimento. Os bancos no Brasil não tiveram perdas tão expressivas e não necessitavam de ajudas governamentais para se manter, ao contrário de muitos bancos europeus e estadunidenses.

As novas medidas devem se concretizar no próximo encontro do G20, em junho. Há a previsão de que um conjunto de regulamentos seja proposto até o final de 2010. Os países concordaram em debater todos os próximos passos com o Fundo Monetário Internacional.

⁹³ G-20-Finanzministertreffen- Mit der Bankenabgabe geht es nicht voran. *FAZ.net*, Disponível em: <<http://www.faz.net/s/Rub0E9EEF84AC1E4A389A8DC6C23161FE44/Doc~E7F7E596D6F3043FAB07B7F46075A2C3B~ATpl~Ecommon~Scontent.html>> . Acesso em 25 de Abril de 2010.

⁹⁴ G20 não concorda sobre taxa extra a bancos, diz Mantega. *GI*, Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia-e-negocios/noticia/2010/04/g20-nao-concorda-sobre-taxacao-bancos-diz-mantega.html>>. Acessado em 25 de Abril de 2010.

Com tudo, o G-20 ganhou muito mais importância como fórum de discussões por causa da crise financeira e substituiu assim o G-8 como fórum principal. As decisões sobre o mercado internacional agora também precisam englobar países em desenvolvimento que ganharam mais destaque com economias sólidas durante as dificuldades nos países desenvolvidos. Com o comércio mais crescente nessas regiões do mundo, ficou evidente que decisões importantes precisam do apoio dos países em desenvolvimento para serem mais efetivas.⁹⁵

Rodada de Doha

Líderes dos diversos países do G-20 demonstraram interesse em dar continuidade a Rodada de Doha. A rodada foi suspensa em 2008 após o impasse entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento. A União Européia, os Estados Unidos e o Japão exigem o corte de impostos sobre importações nos países em desenvolvimento para facilitar o acesso a esses mercados. Já os países em desenvolvimento, liderados pelo Brasil, China e Índia querem atingir mudanças nos subsídios agrícolas nos países desenvolvidos. Os subsídios agrícolas distorcem o mercado e dificultam o acesso de produtos primários produzidos nos países em desenvolvimento. O novo entendimento no G-20 pode representar oportunidades para dar continuidade as negociações e, talvez atingir um acordo.

Contudo, a Comissão Européia e o Mercosul concordaram em dar continuação as negociações sobre um acordo de livre comércio.⁹⁶ Um acordo entre os dois blocos econômicos pode trazer ganhos mútuos além de ser um sinal positivo e encorajador para a continuação das negociações da Rodada de Doha.

Protecionismo

Como relatado anteriormente, os países do G20 se concordaram que medidas protecionistas não deveriam ser implementadas por causa da crise financeira. Mas durante a crise houve algumas tentativas de favorecer a economia local, como na Rússia quando o país

⁹⁵ Segundo o *World Trade Report 2009* da OMC (Organização mundial do Comércio) a participação dos países em desenvolvimento no comércio internacional é cada vez maior. Assim, em 2008 a participação dos países em desenvolvimento foi de 38% nas exportações e de 34% nas importações mundiais.

⁹⁶ BRUXELAS relançará negociações UE-Mercosul apesar da oposição de Paris. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/05/bruxelas-relancara-negociacoes-ue-mercosul-apesar-da-oposicao-de-paris.html>>. Acesso em 10 de Maio de 2010.

aumentou os impostos sobre a importação de carros. A Índia também agiu e aumentou os impostos sobre Aço e Ferro, enquanto a China desvalorizou a sua moeda a fim de garantir o bom desempenho das exportações mesmo com uma queda do dólar.⁹⁷

Líderes europeus criticaram a atuação do governo francês que ofereceu ajudas financeiras às montadoras Peugeot e Renault. As montadoras poderiam fazer uso do dinheiro se garantiram que nenhuma fábrica francesa seria fechada e se comprometeram a manter todos os trabalhadores empregados. Os outros países europeus não fixaram as ajudas ao setor automobilístico a marcas presentes na região.⁹⁸

Outra medida muito discutida era a cláusula do *Buy-America* no *Recovery Act* norte americano. Mas após protestos a cláusula, que previa o uso exclusivo de materiais americanos nas reformas previstas na lei, foi mudada. Assim, as autoridades deveriam priorizar produtos norte americanos, mas não eram obrigados a comprar exclusivamente bens e materiais *made in USA*.⁹⁹

Uma disseminação de medidas protecionistas poderia ter piorado a situação econômica, como tinha ocorrido em 1929. A crise da década de trinta levou os países a fecharem as suas fronteiras, e assim ainda piorar o cenário econômico.¹⁰⁰ Com as dificuldades econômicas e taxas de desemprego cada vez mais altas ressurgiram os movimentos nacionalistas.

O dólar como moeda internacional

O governo chinês foi um dos primeiros líderes a questionar o dólar americano como moeda internacional depois da eclosão da crise. Os chineses estavam preocupados principalmente com a posição da moeda em relação a compra de petróleo e na acumulação de reservas internacionais. Durante a crise houve grandes variações entre as moedas locais e o dólar americano, que continua sendo a moeda principal nas transações internacionais. Outra

⁹⁷ JAMES, Harold. Das nächste Ende der Globalisierung, *Zeit Online*, disponível em: <<http://www.zeit.de/2009/06/Ende-der-Globalisierung>>. Acesso em: 16 de Novembro de 2009.

⁹⁸ SARKOZYS Protektionismus bringt Europa in Rage. *Welt-Online*, Disponível em: <<http://www.welt.de/wirtschaft/article3181505/Sarkozys-Protektionismus-bringt-Europa-in-Rage.html>>; Acesso em 18 de Maio de 2010

⁹⁹ SANGER, David E. *Senate Agrees to Dilute 'Buy America' Provisions*, Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2009/02/05/us/politics/05trade.html>>; Acesso em 19 de Maio de 2010

¹⁰⁰ JUNG, Alexander. *Große Depression- Das Fanal von 1929*, Disponível em: <http://einestages.spiegel.de/static/topicalbumbackground/4633/1/das_fanal_von_1929.html> Acesso em: 18 de Maio de 2010

preocupação do governo asiático foi a contínua desvalorização da moeda internacional que resultou, conseqüentemente, em uma contínua desvalorização das reservas do governo chinês¹⁰¹. A China está preocupada em preservar mais de 1.5 trilhões de dólares que ela mantém como reservas internacionais.

A instabilidade do dólar também pode afetar o comércio bilateral entre qualquer país, já que os pagamentos geralmente são feitos na moeda norte americana. Para diminuir o impacto dessas flutuações o governo brasileiro criou o SML (Sistema de Pagamentos em Moeda Local) que foi criado primeiramente para o comércio entre o Brasil e a Argentina.

Através do SML exportadores e importadores pagam e recebem em suas moedas locais sem a necessidade de trocar o valor da remessa intermediariamente em dólares. O sistema é um acordo bilateral entre os dois Bancos Centrais dos dois países e facilita as transações, especialmente para pequenas e médias empresas. Dessa forma o dólar perde importância no comércio bilateral, e as variações da moeda norte americana tem impacto menor sobre as transferências.

Primeiramente o SML foi testado em Outubro de 2008 nas transações com a Argentina. Após um contínuo aumento na demanda utilizando o SML para as transações, o governo brasileiro vem ampliando o programa para o Uruguai e a China. Mas também outros países do BRICS¹⁰², como a Índia e a Rússia, também demonstraram interesse no programa.¹⁰³ A Rússia e a China pretendem implementar um sistema similar nas transações entre os dois países e assim diminuir o impacto das variações do dólar.

Os governos árabes, fornecedores de petróleo, também discutem a predominância da moeda norte americana no comércio petrolífero.¹⁰⁴ Durante a crise financeira o preço do ouro bateu novos recordes e assim os investidores procuraram reservas mais estáveis. Dívidas e taxas

¹⁰¹ STEIL, Benn. *The Future of the Dollar*. Disponível em: <<http://hir.harvard.edu/index.php?page=article&id=1843>>. Acesso em 01 de Maio de 2010.

¹⁰² BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China)

¹⁰³ BRICS têm interesse em sistema de moeda local, diz Meirelles. *G1*, Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL1253378-9356,00-BRICS+TEM+INTERESSE+EM+SISTEMA+DE+MOEDA+LOCAL+DIZ+MEIRELLES.html>. Acesso em: 22 de Novembro de 2009.

¹⁰⁴ CHINA e árabes podem eliminar dólar do comércio de petróleo. Terra, Disponível em: <http://economia.terra.com.br/noticias/noticia.aspx?idNoticia=200910061014_BBB_78446642>. Acesso em 22 de Novembro de 2010.

de inflação podem afetar ainda mais a confiança na moeda que um dia já foi, inquestionavelmente, a moeda de referência. As atuações do FED vão ter que mostrar o interesse em preservar o *status* da moeda no cenário internacional. Dessa forma o governo americano precisa demonstrar que não se preocupa somente com a superação da crise no mercado interno, mas também em controlar e defender seus interesses monetários no âmbito global.

Considerações e Conclusões

A crise financeira de 2008 certamente levou a mudanças de pontos de vistas sobre uma série de questões, como a auto-regulação do mercado, os riscos sistêmicos do sistema financeiro e a própria globalização do mercado econômico. A globalização certamente tem suas vantagens, como apontado no capítulo 1 desse trabalho, mas os riscos que ela traz não podem ser ignorados. O desenvolvimento e aperfeiçoamento das tecnologias de informação dominam o nosso mundo e a disponibilidade de um mar de informações dão a sensação de segurança enganadora que tem-se tudo sobre controle.

Mas a tecnologia trouxe novos riscos, e mudanças nos diversos setores econômicos, não previstas na formação das instituições internacionais atuais, desafiam a estabilidade econômica mundial. Especialmente o rebanho eletrônico merece um novo destaque e atenção nas reformas institucionais e legislativas dos diversos países. A constante desregulamentação da economia resultou em grandes liberdades para o rebanho eletrônico, que se apropriou de poderes de exercer uma contínua influência sobre governos. Hoje, as autoridades precisam limitar os poderes do capital especulativo para trazer mais estabilidade para a economia local e global. Reformas na legislação e novos acordos internacionais são necessários para evitar que crises se repitam aonde os governos precisam intervir com gastos bilionários dos cofres públicos.

As ações dos Estados Unidos para controlar a crise financeira foram múltiplas. Um destaque merecem os *Bail-Outs*, os pacotes de ajudas financeiras. Nunca na história o governo tinha interferido tanto na economia e nunca gastado tanto para recuperar o setor financeiro. As ajudas foram astronômicas, porém necessárias para controlar os danos. Assim o estado criou novos empregos na construção civil e preservou muitos já existentes. Reformas necessárias na infra-estrutura foram realizadas, além da modernização de escolas e universidades. A reforma de estradas, rodovias e pontes trarão benefícios no futuro e garantiram o emprego de muitos trabalhadores durante o tempo de recessão. As montadoras americanas também precisavam ser sustentadas pelas autoridades governamentais para preservar o parque automobilístico no país. As ajudas foram diretas, com a liberalização de empréstimos financeiros, mas também indiretas com os programas de troca de carros e redução de impostos para o setor.

Hoje o governo norte americano enfrenta a dificuldade de atingir um acordo com o partido da oposição republicano para realizar as mudanças na legislação e a imposição de novos regulamentos para o setor financeiro. O presidente Obama tem pressa nas reformas, já que os efeitos negativos da crise começam a desaparecer e assim há um maior risco que as reformas não sejam feitas, já que o pânico de 2008 entra em esquecimento. Mas as reformas norte americanas são fundamentais como sinal positivo e encorajador para os outros governos.

Como nos Estados Unidos, muitos governos europeus também optaram pelos estímulos de pacotes de ajudas financeiras para tranquilizar os mercados. No continente os governos também eram pressionados para estatizar bancos e injetar divisas para aumentar a liquidez do mercado. Medias para o setor automobilístico eram necessárias para evitar a migração das fábricas europeias para países que oferecia salários e custos de produção mais baixos, deixando milhares de trabalhadores europeus desempregado. Para estimular o consumo interno os governos optaram pelo corte de impostos e vale-presentes para os mais necessitados e afetados pela crise.

Porém, a crise teve um impacto profundo na Europa e desestabilizou vários países no continente. O caos da Grécia gerou uma desconfiança na moeda única e o medo que a crise da dívida se espalhou por outros países da União. Já se fala nos PIIGS¹⁰⁵, Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha, países que já sofreram com o desequilíbrio da dívida ou que são fortes candidatos a seguirem o caminho grego. Com constantes apostas contra a moeda única, outros países europeus continuam sofrendo com a constante desvalorização do Euro. Mesmo a liberalização de 720 bilhões de Euros, como fundo de emergência para os PIIGS, a divisa continua se desvalorizando frente a outras moedas fortes. A desestabilidade desses países traz novos riscos para a economia mundial e a moratória pode gerar mais desconfiança no setor financeiro não só nos países europeus.

Já no Brasil, o governo não se sentiu obrigado a intervir na economia com pacotes de ajudas bilionários como na Europa ou nos Estados Unidos. O Banco Central brasileiro atuou para diminuir as flutuações cambiais e para restabelecer liquidez no mercado nacional com a liberalização dos compulsórios. Outras medidas como a redução do IPI tiveram seus resultados

¹⁰⁵ ROVANI, Andressa. *Deficit na Europa assombra mundo; entenda o que são os Piigs*, Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2010/02/10/piigs.jhtm>>; Acesso em 19 de Maio de 2010

positivos com aumentos nas vendas de carros¹⁰⁶ e eletrodomésticos. A redução de impostos sobre materiais de construção também incentivou os brasileiros a construir ou reformar os seus lares.

Durante a eclosão da crise nos países desenvolvidos, o Brasil já se beneficiou com as medidas do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Enquanto os pacotes de ajudas norte americanos e europeus percorriam seu caminho de aprovação legal, no Brasil já foram realizados investimentos na infra-estrutura e na renovação de escolas públicas, portos e aeroportos. O PAC 2 da continuidade a intervenção estatal para gerar e solidar o crescimento econômico enquanto as ajudas nos países desenvolvidos começam a se esgotar.

Com uma estabilidade econômica e política consolidada, o país tornou-se altamente atraente para investidores estrangeiros. Assim, segundo um artigo da VEJA¹⁰⁷, o Brasil oferece várias oportunidades para os investidores aplicarem os seus capitais no país. Uma classe média crescente na última década oferece novas oportunidades para o mercado interno brasileiro. Mesmo os problemas na infra-estrutura do país podem trazer benefícios, já que elas representam oportunidades de negócios para os investidores estrangeiros.

Mas um volume crescente dos investimentos originados do exterior gera novos perigos. Como relatado nesse trabalho, crises do México e da Ásia se iniciaram com uma forte entrada de capital externo nos mercados locais. A saída imediata dos investidores pode trazer grandes problemas para a economia brasileira. O governo brasileiro já adotou algumas medidas para fortalecer as exportações e controlar as movimentações financeiras. Mas as autoridades precisam ser atentas, já que uma simples mudança de humor, segundo Friedman (2001), pode levar a pânico e a saída em massa do rebanho.

Historicamente o Brasil associa a expansão econômica expressiva com taxas de inflação altas. Para não repetir a história com grandes dificuldades monetárias antes da era Real o governo interagiu em 2010 elevando a taxa básica de juros para frear a economia mais aquecida.

O que diz respeito ao cenário econômico internacional, os países em desenvolvimento

¹⁰⁶ IPI reduzido pode fazer venda de carros bater recorde em março. *GI*, Disponível em:

<<http://g1.globo.com/Noticias/Carros/0,,MUL1550498-9658,00-IPI+REDUZIDO+PODE+FAZER+VENDA+DE+CARROS+BATER+RECORDE+EM+MARCO.html>>; Acesso em 19 de Maio de 2010

¹⁰⁷ JARDIM, Lauro. A conspiração virtuosa, *Revista Veja*, Edição 2165, N° 20, p. 126-130, Maio de 2010

ganharam mais importância nas decisões macro-econômicas, especialmente no âmbito do G-20. As cúpula dos vinte países mais ricos serviu como fórum para discussões sobre medidas conjuntas, como a redução simultânea das taxas de juros, como também para discussões sobre reajustes no sistema financeiro internacional. As reformas nas instituições internacionais reafirmaram o novo papel das potências emergentes, que ganharam mais poderes de participar e direcionar as decisões das agências internacionais.

As cúpulas do G-20 mostraram a importância das relações internacionais no cenário atual. A possibilidade de atingir acordos de cooperação mútua dão novas esperanças para solucionar impasse do passado, como a Rodada do Doha. A cooperação internacional e desistência dos países em adotar medidas protecionistas, pode ter evitado uma outra grande depressão. Assim a recessão nos países desenvolvidos durou menos que três anos, enquanto a grande depressão castigou as economias por quase uma década.¹⁰⁸

¹⁰⁸ NÓBREGA, Maílson da. Crise Européia: e a esquerda velha esta órfã de novo, *Revista Veja*, Edição 2165, N° 20, p. 126-130, Maio de 2010

Referência Bibliográfica

ABWRAKPRÄMIE macht Krise vergessen. *Tagesschau.de*, Disponível em:

<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/neuzulassung104.html>>; Acesso em 05 de Março de 2010

A GM pediu confiança aos seus clientes e afirmou que sairia da crise mais forte ainda. *Correio Braziliense*, Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/html/sessao_1/2009/06/03/noticia_interna/id_sessao=1&id_noticia=115687/noticia_interna.shtml>. Acesso em: 16 de junho 2009.

AKTIONSPLAN gegen Finanzkrise. *Tagesschau*, Disponível em:

<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/weltfinanzgipfel118.html>>. Acesso em 15 de Março de 2010.

BANKEN-Sonderabgabe-Wer bezahlt die Rechnung für den Crash?. *FOCUS Online*, Disponível em: <http://www.focus.de/finanzen/news/banken-sonderabgabe-wer-bezahlt-die-rechnung-fuer-den-crash_aid_487463.html>. Acesso em 25 de Abril de 2010.

BRUXELAS relançará negociações UE-Mercosul apesar da oposição de Paris. *G1*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/05/bruxelas-relancara-negociacoes-ue-mercosul-apesar-da-oposicao-de-paris.html>>. Acesso em 10 de Maio de 2010.

BRICS têm interesse em sistema de moeda local, diz Meirelles. *G1*, Disponível em:

<http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL1253378-9356,00-BRICS+TEM+INTERESSE+EM+SISTEMA+DE+MOEDA+LOCAL+DIZ+MEIRELLES.html>. Acesso em: 01 de Novembro de 2009.

CARVALHO, Fernando Cardim de. *O retorno de Keynes*. Novos estud. - CEBRAP [online]. 2009, n.83, pp. 91-101. ISSN 0101-3300.

CARVALHO, William Almeida de. *A crise financeira mundial: uma perspectiva dos emergentes para os cidadãos do mundo globalizado*, Brasília, Associação Brasileira de Orçamento Público, 2009

CHINA e árabes podem eliminar dólar do comércio de petróleo. *Terra*, Disponível em:

<http://economia.terra.com.br/noticias/noticia.aspx?idNoticia=200910061014_BBB_78446642>. Acesso em 22 de Novembro de 2010.

CHRONIK der Finanzkrise: Vom US-Problem zum Flächenbrand. *Stern*, Disponível em:

<<http://www.stern.de/politik/deutschland/:Chronik-Finanzkrise-Vom-US-Problem-Flaechenbrand/656171.html?cp=1>>. Acesso em: 09 de abril de 2009.

DA “marolinha” à salvação pelos pobres: a crise no Brasil, *Abril*, Disponível em:

<<http://www.abril.com.br/noticias/economia/marolinha-salvacao-pelo-pobres-crise-brasil-498420.shtml>>. Acesso em 25 de Fevereiro de 2010.

- DAS Ende der US-Investmentbanken. *tagesschau.de*, Disponível em:
<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/chronologiefinanzmarktkrise104.html>>; Acesso em 20 de Abril de 2010
- DEEG, Claudia. *Instrumente, um die Krise zu beherrschen*, Tagesschau, Disponível em:
<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/eurolaendergipfel100.html>>. Acesso em 20 de Fevereiro de 2010.
- DER gigantische Hilfsplan der US-Regierung. *Tagesschau*, Disponível em:
<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/rettungspaket100.html>>. Acesso em 22 de Março de 2010
- DESJARDINS, Lisa. *Winners and losers in the final stimulus Bill*, CNN, Disponível em:
<<http://www.cnn.com/2009/POLITICS/02/13/stimulus.winners.losers>>. Acesso em 24 de Março de 2010.
- DEUISENMARKT -Der Real hält den Aufwertungstrend. FAZ.net, Disponível em:
<<http://www.faz.net/s/Rub58BA8E456DE64F1890E34F4803239F4D/Doc~E757352184DAD4E5B9C13EB818384C20E~ATpl~Ecommon~Spezial.html>>. Acesso em 28 de abril de 2010.
- DIE Beschlüsse von Pittsburgh. *N-TV*, Disponível em: <<http://www.n-tv.de/politik/Die-Beschluesse-von-Pittsburgh-article521438.html>>. Acesso em 16 de Março de 2010.
- DORNBUSCH, Rudiger e FISCHER , Stanley. *Introdução à Macroeconomia*. Editora Makron Books, São Paulo 1992
- EIN denkbar knapper Sieg für Obama. *Tagesschau*, Disponível em:
<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/uskonjunkturepaket108.html>>. Acesso em: 11 de Março de 2010.
- EU arbeitet an neuer Finanzaufsicht. *FOCUS Online*, Disponível em:
<http://www.focus.de/finanzen/news/eu-eu-arbeitet-an-neuer-finanzaufsicht_aid_387121.html>. Acesso em 25 de Abril de 2010.
- EU-Parlament verschärft Vorschriften für Banken. Tagesschau, Disponível em:
<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/banken144.html>>. Acesso em 01 de Maio de 2010.
- EZB senkt erneut Leitzins. *ARD*, Disponível em: <
http://boerse.ard.de/content.jsp?key=dokument_350692>. Acesso em 25 de Fevereiro de 2010.
- FED senkt Leitzins auf 1,00 Prozent. *ARD*, Disponível em:
<http://boerse.ard.de/content.jsp?key=dokument_319450>. Acesso em: 10.03.2010.
- FINANZKRISE- Die Chronologie des Desasters. *Focus Online*, Disponível em:
<http://www.focus.de/finanzen/boerse/finanzkrise/tid-12125/finanzkrise-die-chronologie-des-desasters_aid_340542.html>. Acesso em: 02 de abril de 2009.

- FREEMAN, Christopher. Inovação e ciclos longos de desenvolvimento econômico. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/336/565>>. Acesso em: 19 de Novembro de 2009.
- FÜR Quelle kommt das endgültige Aus. *Tagesschau*, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/chronologiefinanzmarktkrise132.html>> Acesso em 25 de Fevereiro de 2010.
- G20 estabelece bases para nova ordem econômica mundial. *GI*, Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1319199-5602,00-G+ESTABELECE+BASES+PARA+NOVA+ORDEM+ECONOMICA+MUNDIAL.html>>. Acesso em 29 de Setembro de 2009 e em 30 de Setembro de 2009 .
- G20- Gipfel in London. *Spiegel Online*. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/politik/ausland/0,1518,617092,00.html>>. Acesso em: 02 de Abril de 2009.
- G-20-Finanzministertreffen- Mit der Bankenabgabe geht es nicht voran. *FAZ.net*, Disponível em: <<http://www.faz.net/s/Rub0E9EEF84AC1E4A389A8DC6C23161FE44/Doc~E7F7E596D6F3043FAB07B7F46075A2C3B~ATpl~Ecommon~Scontent.html>>. Acesso em 25 de Abril de 2010.
- G20 não concorda sobre taxaço a bancos, diz Mantega. *GI*, Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia-e-negocios/noticia/2010/04/g20-nao-concorda-sobre-taxacao-bancos-diz-mantega.html>>. Acessado em 25 de Abril de 2010.
- GOEPFERT, Angela. *Helikopter-Ben in seinem Revier*, ARD, Disponível em: <http://boerse.ard.de/content.jsp?key=dokument_328000>. Acesso em: 10.03.2010.
- GONÇALVES, Reinaldo. Crise do Capital, disputa de destino e desafios para os trabalhadores. *Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Volume 6, Número 23, p.155-160, Julho de 2009
- GM will Opel doch behalten. *Tagesschau*, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/chronologiefinanzmarktkrise134.html>>. Acessado em 03 de Março de 2010.
- HRE wird staatlicher, Opel vorerst gerettet. *Tagesschau*, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/chronologiefinanzmarktkrise122.html>> Acesso em 27 de Fevereiro de 2010 e em 5 de Março de 2010.
- IPI reduzido pode fazer venda de carros bater recorde em março. *G1*, Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Carros/0,,MUL1550498-9658,00-IPI+REDUZIDO+PODE+FAZER+VENDA+DE+CARROS+BATER+RECORDE+EM+MARCO.html>>; Acesso em 19 de Maio de 2010
- JACKSON, Robert. SØRENSEN, Georg. *Introdução às Relações Internacionais*. Rio de Janeiro 2003. Editora Zahar.

- JAMES, Harold. Das nächste Ende der Globalisierung, *Zeit Online*, disponível em:
<<http://www.zeit.de/2009/06/Ende-der-Globalisierung>>. Acesso em: 16 de Novembro de 2009.
- JAMES, Harold. Das nächste Ende der Globalisierung, *Zeit Online*, disponível em:
<<http://www.zeit.de/2009/06/Ende-der-Globalisierung>>. Acesso em: 16 de novembro de 2009.
- JARDIM, Lauro. A conspiração virtuosa, *Revista Veja*, Edição 2165, N° 20, p. 126-130, Maio de 2010
- JPMORGAN Chase kauft Bear Stearns. *tagesschau.de*, Disponível em:
<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/bearstearns10.html>>; Acesso em 01 de Janeiro de 2010
- JUNG, Alexander. Große Depression- Das Fanal von 1929, Disponível em:
<http://einestages.spiegel.de/static/topicalbumbackground/4633/1/das_fanal_von_1929.html> Acesso em: 18 de Maio de 2010
- KASTAN, Klaus. *GM-Chef Wagoner tritt ab*, *Tagesschau*, Disponível em:
<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/wagoner114.html>>. Acesso em: 24 de Setembro de 2010.
- KNY, Astrid. *Investitionen*, die Konjunkturpakete
<<http://www.konjunkturpaket.de/Webs/KP/DE/Investitionen/investitionen.html>>. Acesso em 15 de Março de 2010.
- _____ *Mehr Geld für Kinder*, die Konjunkturpakete,
<<http://www.konjunkturpaket.de/Webs/KP/DE/FuerBuerger/fuer-buerger.html>>. Acesso em 5 de Março de 2010.
- KRÖGER, Micheal. *Spiegel Online*, disponível em:
<<http://www.spiegel.de/wirtschaft/soziales/0,1518,647760,00.html>>. Acesso em 17 de Novembro de 2009.
- KRUGMAN, Paul. “*Keynes General Theory*”; Disponível em:
<<http://www.krugmanonline.com/media.php>> Acesso em 11 de Outubro de 2009, Video.
- _____ *A Crise de 2008 e a Economia da Depressão*. 1ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Elsevier, 2009.
- _____ *Nach Bush: Das Ende der Neokonservativen und die Stunde der Demokraten* (The conscience of a liberal) Editora Campus, Frankfurt am Main 2007
- LAHÓZ, André e ROBERTO, José Caetano. *Estado grande ou estado forte?*, Portal EXAME, Disponível em:
<<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0963/economia/estado-grande-ou-estado-forte-537394.html>>. Acesso em 14 de Abril de 2010.

- LANDMESSER, Wolfgang. Neue Finanzaufsicht für Europa, Tagesschau, Disponível em:
<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/europaeischefinanzaufsicht100.html>>. Acesso em
01 de Maio de 2010
- LOPES, Simone. *Grécia enfrenta maior dívida pública de sua história*, Deutsche Welle,
Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,5008824,00.html>>. Acesso em:
14 de Abril de 2010.
- LULA defende corte definitivo de IPI de veículos. *Correio Braziliense*, Disponível em:
<http://www.correiobraziliense.com.br/html/sessao_1/2009/06/10/noticia_interna/id_sessao=1&id_noticia=117654/noticia_interna.shtml>. Acesso em: 16 de Junho de 2009.
- MAZZUCHELLI, Frederico. *A crise em perspectiva: 1929 e 2008*. Novos estud. - CEBRAP
[online]. 2008, n.82, pp. 57-66. ISSN 0101-3300.
- MEYER, Henning. *Die Politik muss stärker regulieren*. Zeit Online. Disponível em:
<<http://www.zeit.de/online/2009/28/globalisierung-finanzkrise>>. Acesso em: 17 de
Novembro de 2009.
- MILLIARDENSCHUB für die Konjunktur?, *Tagesschau*, Disponível em:
<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/konjunktur140.html>>. Acesso em 25 de Fevereiro
de 2010.
- MUSSLER, Werner e WELTER, Patrick. Wie der Euro-Rettungstopf funktioniert. Disponível
em:<<http://www.faz.net/s/Rub3ADB8A210E754E748F42960CC7349BDF/Doc~EB9FB344E569D4398B6B9EB94FD833949~ATpl~Ecommon~Scontent.html>>; Acesso em 17
de Maio de 2010
- 500 Milliarden Pfund für die Banken. *Tagesschau*, Disponível em:
<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/finanzkrise172.html>>. Acesso em 26 de Março de
2010.
- MONTADORAS temem fim dos programas de incentivo à troca de carros na Europa. *G1*,
<<http://g1.globo.com/Noticias/Carros/0,,MUL1259268-9658,00-MONTADORAS+TEMEM+FIM+DOS+PROGRAMAS+DE+INCENTIVO+A+TROC+A+DE+CARROS+NA+EUROPA.html>>. Acesso em 22 de Outubro de 2009.
- NANTO, Dick K. et al. *The Global Financial Crisis: Analysis and Policy Implications*,
Disponível em: <<http://www.fas.org/sgp/crs/misc/RL34742.pdf>>. Acesso em 14 de Maio
de 2010.
- NEW Banking Act comes into effect. BBC, Disponível em:
<<http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/7902350.stm>>. Acesso em 14 de Maio de 2010.
- NICHTS tun wäre teurer. *Tagesschau*, Disponível em:
<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/konjunkturprogrammfrankreich102.html>>. Acesso
em 22 de Outubro de 2009.

- NÓBREGA, Maílson da. Crise Européia: e a esquerda velha esta órfã de novo, Revista Veja, Edição 2165, N° 20, p. 126-130, Maio de 2010
- O que já foi feito contra a crise. *Editora Abril S.A.*, Disponível em:
<<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/crise-financeira/guia1.html#1brasil>>. Acessado em 25 de Fevereiro de 2010 .
- PASSARINHO, Nathalia. *PAC 2 é herança bendita para sucessor, diz Dilma*, G1, Disponível em: < <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1549217-5601,00-PAC+E+HERANCA+BENDITA+PARA+SUCESOR+DIZ+DILMA.html>>. Acessado em 03 de Abril de 2010.
- PAULERT, Rüdiger. "*Aggressiver Aktionsplan*" gegen Finanzkrise, Tagesschau, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/finanzminister110.html>>. 15 de Março de 2010.
- _____. *Abschiedsgeschenke unter Auflagen*, Tagesschau, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/autoindustrie150.html>>. Acesso em: 09 de Março de 2010.
- _____. *Kontrolle als Regel, nicht als Ausnahme*, Tagesschau, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/obamafinanzmaerkte104.html>>. Acesso em: 02 de Maio de 2010.
- PITZKE, Mark. Obamas Protektionismus-Rückzieher provoziert Parteifreunde. *Spiegel Online*. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/wirtschaft/0,1518,605430,00.html>>. Acesso em: 20 de Novembro de 2009 .
- PRADO, Luiz Carlos Delorme. *Resenha de A globalização e seus malefícios: a promessa não-cumprida de benefícios globais*. Rev. econ. contemp. [online]. 2007, vol.11, n.3, pp. 563-569. ISSN 1415-9848.
- REGIONAL economic outlook : Europe. *International Monetary Fund*. Washington, D.C. May 2009. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/reo/2009/eur/eng/ereo0509.pdf>> Acesso em: 16 de junho de 2009.
- RODRIGUES, Eduardo. Falta de competitividade do produto brasileiro prejudica exportação, Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u729543.shtml>>. Acesso em 05 de Maio de 2010.
- ROMEO, Cristiano e VILLAVERDE, João. *ValorOnline*, Disponível em: <http://www.valoronline.com.br/?impresso/caderno_a/83/5878677/dolares-para-bolsa-terao-iof-de-2%>. Acessado em 04 de Março de 2010.
- ROSE, David. *Konjunkturprogramme der EU-Staaten*, Tagesschau, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/static/flash/eu-konjunkturprog-08/index.html>>. Acesso em 20 de Março de 2010.

- ROVANI, Andressa. Deficit na Europa assombra mundo; entenda o que são os Piigs, Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2010/02/10/piigs.jhtm>>; Acesso em 19 de Maio de 2010
- SAHADI, Jeanne. *Stimulus: Now for the hard part*, CNNMoney, Disponível em: <http://money.cnn.com/2009/02/17/news/economy/obama_stimulus_meas_success/index.htm?postversion=2009021713>. Acesso em 24 de Março de 2010.
- SANGER, David E. Senate Agrees to Dilute 'Buy America' Provisions, Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2009/02/05/us/politics/05trade.html>>; Acesso em 19 de Maio de 2010
- SARKOZYS Protektionismus bringt Europa in Rage. Welt-Online, Disponível em: <<http://www.welt.de/wirtschaft/article3181505/Sarkozys-Protektionismus-bringt-Europa-in-Rage.html>>; Acesso em 18 de Maio de 2010
- SCHMIESTER, Carsten. 150 Milliarden Dollar gegen die Rezession, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/uskonjunkturprogramm2.html>>; Acesso em 10 de Maio de 2010
- SCHUMPETER, Joseph A. Kapitalismus, Sozialismus und Demokratie. 8a Edição, Tübingen 2005, *UTB*.
- SENADO dos EUA rejeita debater reforma do sistema financeiro. G1, Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia-e-negocios/noticia/2010/04/senado-dos-eua-rejeita-debater-reforma-do-sistema-financeiro.html>>. Acesso em: 02 de Maio de 2010.
- STEIL, Benn. *The Future of the Dollar*. Disponível em: <<http://hir.harvard.edu/index.php?page=article&id=1843>>. Acesso em 01 de Maio de 2010.
- STRAUSS-KAHN, Dominique. SPIEGEL. *Stärker als die Vernunft*, Disponível em: <<http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-66886613.html>>. Acesso em 03 de Junho de 2010
- THEURER, Macus. Chef von British Airways warnt vor dem Untergang. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, Disponível em: <<http://www.fazfinance.net/Aktuell/Wirtschaft-und-Konjunktur/Chef-von-British-Airways-warnt-vor-dem-Untergang-8640.faz?print=1>>. Acesso em: 05 de junho de 2009.
- TROENDLE, Stefan. *Mit allen Mitteln gegen die Krise*, Tagesschau, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/finanzminister120.html>>. Acesso em 16 de Março de 2010.
- USA Vertrauen dem Markt nicht mehr. Tagesschau, Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/finanzmarkt118.html>>. Acesso em: 02 de Maio de 2010.

US-Autozulieferer erhalten Milliardenhilfe. *Tagesschau*, Disponível em:
<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/autohilfen100.html>>. Acesso em: 24 de Setembro de 2010.

US-Senat stimmt für Abwrackprämie. *Tagesschau*, Disponível em:
<<http://www.tagesschau.de/wirtschaft/abwrackpraemie210.html>>. Acesso em: 24.03.2010.

VEJA as medidas contra a crise já tomadas pelo governo no Brasil, *UOL*, Disponível em:
<<http://economia.uol.com.br/ultnot/2008/12/11/ult4294u2001.jhtm>>. Acessado em 20 de Fevereiro de 2010.

WORLD Trade Report 2009. WTO Publications, Disponível em:
<http://www.wto.org/english/res_e/booksp_e/anrep_e/world_trade_report09_e.pdf>. Acessado em 30 de Abril de 2010.

Anexo 1- Políticas macroeconômicas

Essa parte do trabalho detalha as opções de intervenção governamental na economia, segundo DORNBUSCH e FISCHER, para facilitar o entendimento das ações tomadas pelos governos dos Estados Unidos, dos países Europeus e do Brasil durante a crise financeira de 2008.

Para estimular a economia, os governos adotam políticas monetárias ou políticas fiscais. A política monetária engloba as variações das taxas de juros¹⁰⁹ (para manipular a oferta e demanda pela moeda nacional) e a impressão da divisa. Porém, a alteração da taxa de juros tem um certo limite, assim o governo terá dificuldades de interagir através da política monetária, se a taxa de juros aproxima-se a zero. Esse caso específico é chamado de armadilha de liquidez, já experimentado, por exemplo, pelo Japão durante a década de 90. Com uma taxa de juros perto de zero o governo não poderá mais baixar os juros para tentar aumentar a oferta de divisas e precisaria de outras formas de intervenção para estimular o crescimento econômico. Outra forma que o Banco Central pode adotar para interferir na demanda pela divisa é a compra e venda de títulos públicos. Com a venda de títulos públicos dinheiro é retirado na economia, por outro lado, quando o investidor recebe seu dinheiro emprestado lastreado no título do país de volta, novo dinheiro é injetado na economia.

Já a política fiscal estimula ou desestimula uma economia aquecida através de impostos e gastos governamentais. Com esses gastos públicos, o governo pode aumentar a demanda por bens e serviços. Mas por outro lado, os gastos governamentais aumentam a dívida pública do país. O governo como investidor econômico foi uma das principais estratégias adotadas durante a crise de 2008. Assim o governo tentava repor a queda na demanda privada com gastos governamentais mais altos (por exemplo a construção de estradas, ferrovias, renovação e construção de escolas e universidades, ampliação de portos e aeroportos, etc...).

A diminuição ou o corte de impostos também tem efeitos na economia. Para estimular o setor automobilístico, um dos eixos da economia capitalista, os governos de diversos países

¹⁰⁹ Taxas de juros altos estimulam a compra de títulos públicos e incentivam a população a poupar seu dinheiro em vez de gastar-lo e movimentar a economia.

diminuíram a tributação sobre carros novos. No Brasil, o IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) foi diminuído temporariamente, na Europa os governos também diminuíram impostos para tornar a aquisição de carros novos mais baratos. Com efeito, como relatado no trabalho, as montadoras tiveram ganhos expressivos durante os tempos de crise.

Anexo 2- Dados Estatísticos

PIB (% AO ANO)

2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
-0,19	5,08	5,67	3,75	3,16	5,71	1,15	2,66	1,31	4,31	0,25	0,04

Fonte: <http://oglobo.globo.com/economia/indicadores/>

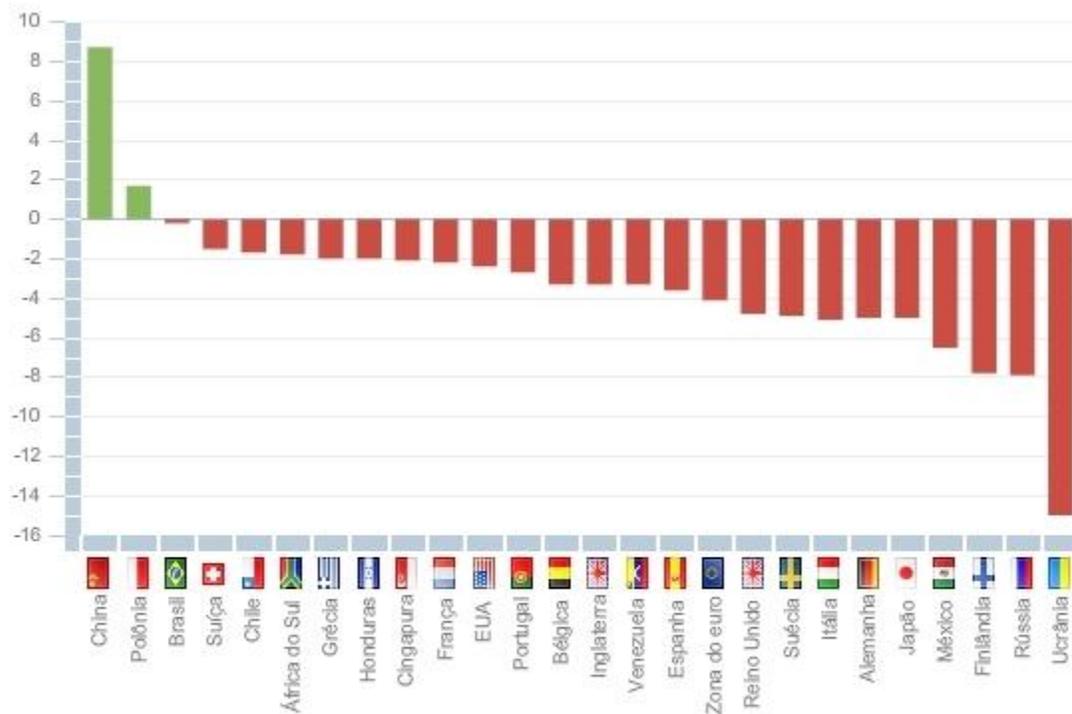
GRÁFICO 1- VARIAÇÃO DO PIB AO ANO



Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

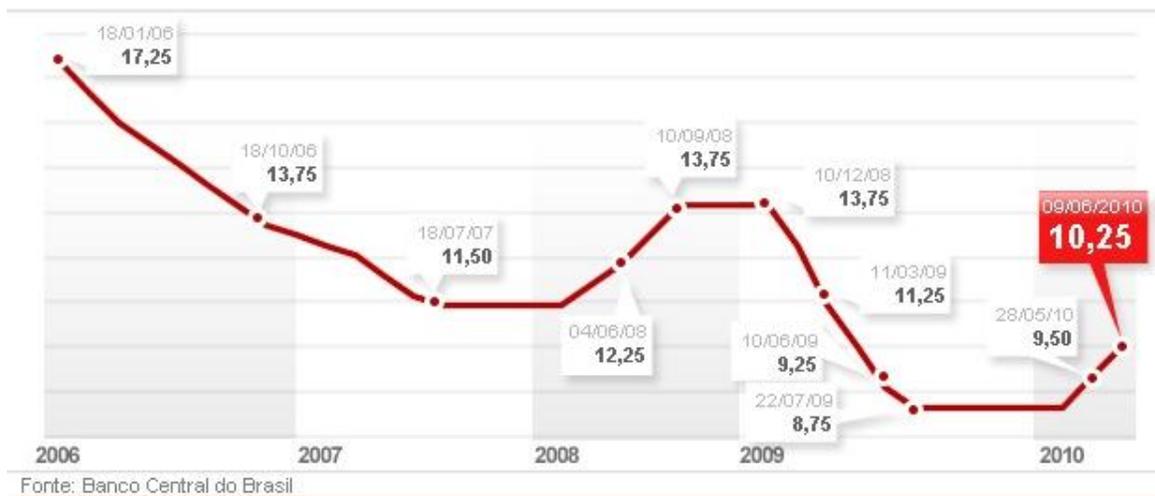
Fonte: <http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2010/03/11/economia-brasileira-recua-02-em-2009-mas-cresce-2-no-quarto-trimestre.jhtm>;

GRÁFICO 2- VARIAÇÃO DO PIB BRASILEIRO EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE ANTERIOR



Fonte: <http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2010/03/11/desempenho-do-pib-brasileiro-em-2009-e-o-6-melhor-do-g20.jhtm>

GRÁFICO 3- VARIAÇÃO DO PIB NO MUNDO EM 2009

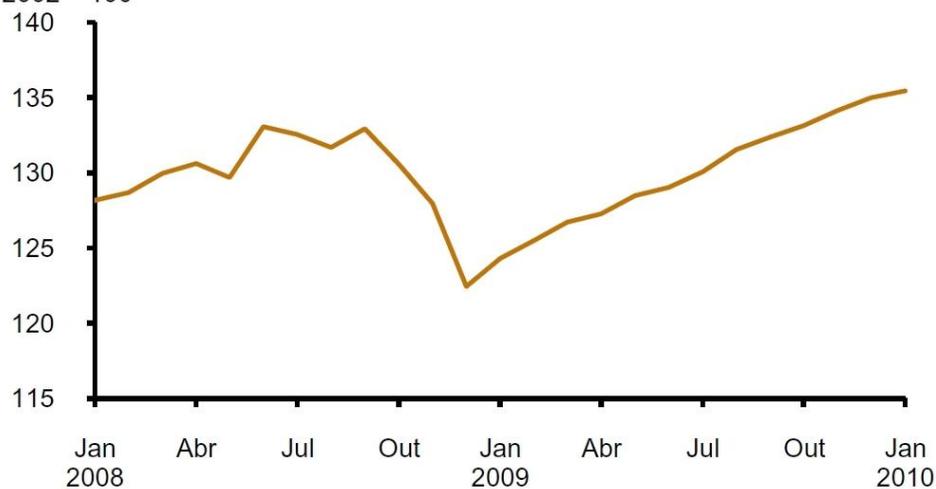


Fonte: <http://g1.globo.com/economia-e-negocios/noticia/2010/06/copom-confirma-expectativa-e-sobe-taxa-de-juros-para-1025-ao-ano.html>

GRÁFICO 4- EVOLUÇÃO DA TAXA BÁSICA DE JUROS (SELIC) NO BRASIL

Dados dessazonalizados

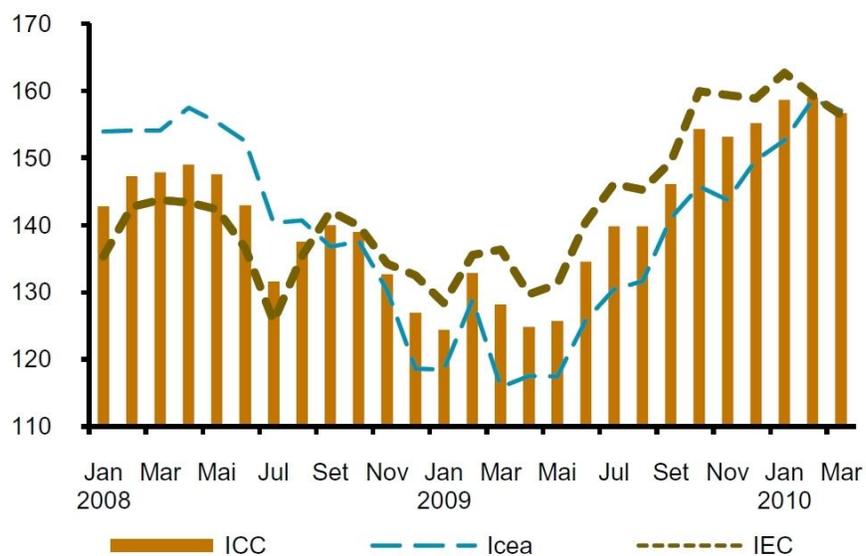
2002 = 100



Fonte: IBGE

Fonte: <http://www.bcb.gov.br/htms/relinf/port/2010/03/ri201003c1p.pdf>

GRÁFICO 5- ÍNDICE DE ATIVIDADE ECONÔMICA DO BANCO CENTRAL

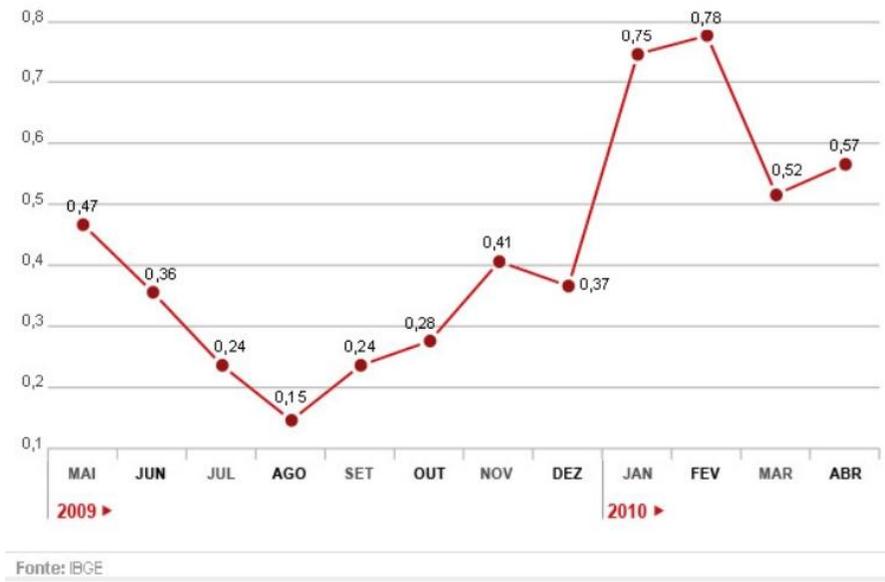


Fonte: Fecomercio SP

Fonte: <http://www.bcb.gov.br/htms/relinf/port/2010/03/ri201003c1p.pdf>

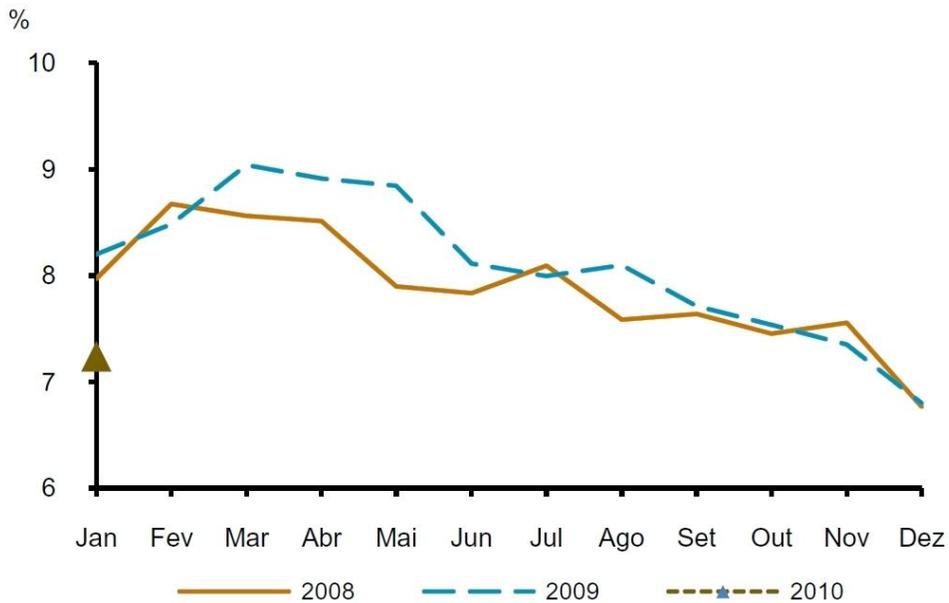
GRÁFICO 6- ÍNDICE DE CONFIANÇA DO CONSUMIDOR NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO ¹¹⁰

¹¹⁰ IEC - Índice de Expectativas do Consumidor e Icea - Índice de Condições Econômicas Atuais



Fonte: <http://g1.globo.com/economia-e-negocios/noticia/2010/05/governo-quer-desaquecer-economia-para-evitar-inflacao-entenda.html>

GRÁFICO 7- ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO



Fonte: <http://www.bcb.gov.br/htms/relinf/port/2010/03/ri201003c1p.pdf>

GRÁFICO 8- TAXA DE DESEMPREGO ABERTO